Jornal das Moças

ANNO IV NUM. 81 400 RS.

As tres Marias = Maria Augusta Cabral - Maria
- Maria da Conceição Cabr

ENTRE O AMOR E A GLORIA

ORIGINAL DE ALICE DE ALMEIDA

II

Ora, uma noite de Junho, tempestuosa e fria, repousava eu em valle de lençóes quando fui bruscamente acordado pelo som estridulo da campainha, que do portão ia dar no gabinete de estudo contiguo ao meu quarto de cama. O creado, que resmungando fôra ver quem tocára áquella hora da noite, appareceu-me pouco depois muito enfadado com o succedido: uma velha reclamava os meus serviços, para sua filha gravemente enferma.

Confesso, que a principio hesitei, apezar de todos os bons sentimentos que se me erguiam no coração, e reiteradas supplicas da infeliz mãe que chorava afflictivamente. Levantar a uma hora da madrugada, e ir tiritando pela rua, debaixo de grossas bategas d'agua era com effeito um acto heroico de que no começo julguei-me incapaz, mas que, após demorada reflexão, me decidi praticar. Arranjei a «toilette» em quinze minutos, e, convenientemente embuçado, acompanhei a senhora que me conduziu atravez um dedalo de ruas escuras e lamacentas.

Eu caminhava tranzido de frio, e encharcado até os ossos, sem uma unica queixa ou recriminação; a pobre senhora a meu lado, silenciosa e cabisbaixa; seguia rapidamente.

Afinal chegámos á frente de um «chalet» murado, cujo portão de ferro a velha abriu; atravessámos então o pequeno jardim e subindo alguns degraús penetramos na sala de visitas, mobiliada com bastante pobreza, porem decente. A' luz do lampeão pude observar a minha companheira, que era uma senhora de cerca de quarenta e dois annos, as feições finas, um tanto devastadas pelos soffrimentos, guardavam ainda vestigios da belleza passada, e os olhos, duas admiraveis contas negras, brilhavam com o fulgor da mocidade. Os cabellos quasi ruivos, eram entremeiados de fios de prata, e harmonisavam-se perfeitamente com a tez clara.

A' um gesto seu desembaracei-me do «pardessous», e accompanhei-a ao quarto da enferma, cuja porta nos foi aberta por uma senhora edosa que disse em voz baixa:

— Está felizmente melhor; porém a febre augmentou, e as suffocações repetiram-se.

Apenas uma lamparina lançava a sua luz vacillante nas paredes caiadas, e nos modestos moveis que ornavam a alcova; a cama de ferro estava envolvida num simples cortinado de cassa branca com ramagens azues. Os meus olhos, perscrutando o leito, na penumbra destacaram apenas da alvura dos lençóes as bastas madeixas negras da doente, emmoldurando um rosto de neve.

Com infinitas precauções, as duas senhoras levantaram a moça, immersa num profundo torpôr, para que eu pudesse fazer um rapido exame; auscultei-a attentamente, palpando-lhe a fronte, os pulsos, e vi que a febre que a minava era intensa. Queixava-se a pobresinha de continuas pontadas no peito, e os escarros avermelhados não me deixaram duvidas sobre a sua molestia: uma pneumonia!

Por alguns instantes, foi a enferma sacudida por uma tosse convulsa que ameaçou suffocal-a.

— Doutor — murmurou a pobre mãe, um remedio para essa maldita tosse!...

A joven falou; a sua voz harmoniosa resoou como uma supplica, piedosa e doce, no meu coração.

— Mamãe — pronunciou com difficuldade — estou melhor, muito melhor...

— Minha filha; minha pobre Clara! — balbuciou a senhora, abraçando-a com meiguice.

— Minha senhora — perguntei, levando-a para um canto do quarto — ha aqui por perto alguma pharmacia, onde possa bater a essa hora?

— Sim, doutor, mas... — e relanceou em torno um olhar de desesperada afflicção.

Eu comprehendi: a infeliz não tinha dinheiro!!

— Senhora — balbuciei, profundamente commovido com as lagrimas da pobre mãe — não será por falta de dinheiro que sua filha ficará privada de medicamentos.

E, puxando a carteira do bolso, tirei uma cedula de vinte mil réis, e estendi-a á senhora, que hesitou em recebel-a.

Eu insisti:

— Acceite, minha senhora; não é uma esmola, e sim um pequeno emprestimo. Pagar-me-á quando dispôr da quantia sufficiente.

(Continúa)

NATAL

Como se approximasse o Natal fui visitar a minha pobre amiga. Achei-a reclinada numa poltrona junto á janella, inda mais pallida e mais triste que de costume.

—O' minha querida, disse ao ver-me, «que boa será para mim a tua visita! Como me tem pesado a solidão nestes ultimos tempos!» Abracei-a e ella, vencendo o cançaço que a febre lhe causava, continuou: «Sim, folgo com a tua vinda, pois me prediz o coração que não verei raiar o Natal deste anno».

—Porque pensas assim, porque te ensombras, perguntei dolorosamente, quando vejo teus olhos brilharem na possibilidade da cura que tanto espéro?»

—Illusões... As minhas mãos escaldam e o brilho dos meus olhos è o reflexo da febre que me prostra. Depois... para que viver? (E a misera teve um sorriso de dôr). Já vivi muito, já gosei, já soffri! Paguei, portanto, o meu tributo á vida. Agora, que venha a morte, o descanço, nesse leito de onde não mais me levantarei.

—«Cala-te! suppliquei. Esquece o que te acabrunha e pensa nos sonhos que te virão, porque és moça, porque és boa, porque és linda...»

—Ah! vae dizer ao cego que contemple as bellezas do pôr do sol, quando em seus olhos se estende o intermino véo do negrume e da dôr. Vae dizer a meu coração que é desgraçado, porque ama, que esqueça, quando tudo está vivido, a lembrar o amor que o enlouqueceu. Vae dizer a...

—Espera. Cala-te. Falemos de outra coisa. Combinemos como havemos de passar o nosso Natal, minha querida.

—Natal! Natal... balbuciou ella tristemente. Acaso podes tu imaginar o mundo de lembranças que essa palavra me evocam? E se coravam as suas faces e brilhavam os seus olhos. Natal... continuou. Foi por um Natal feliz que o conheci. Não era eu o triste despojo que sou agora. A vida me sorria inteira em meus olhos luzentes, em meus cabellos louros e em meus labios de fogo! Conheci-o. E junto a um presepe pequenino e lindo os nossos olhares se comprehenderam e se confundiram.

—Mas, ajuntei supplicante, porque lembrar esse passado?

—Deixa-me falar, deixa-me viver um pouquinho mais. Demais, é tão bom lembrar o tempo em que se foi feliz.

E, endireitando-se na poltrona, olhou com prazer para o jardim onde as flores sorriam nos adejos das trefegas borboletas. Fitou-me e continuou:

—Amámo-nos, e depois quantos sonhos não sonhamos, quantos risos não encheram o nosso coração já tão cheio de amor! Cada Natal que vinha (e foram tres) era a a confirmação da nossa felicidade ao pé do presepe pequenino e lindo, onde o menino Jesus, reclinado, parecia-nos abençoar.

Depois... elle partiu e nunca mais voltou. Nem uma linha, nem uma lembrança me veio das suas mãos amadas! E, emtanto, eu o esperei sempre, no meu coração, no meu amor, que não arrefeceu nunca! Não sei si elle morreu ou si nos braços de outra buscou a ventura que regeitou dos meus braços... Não sei... E eu fiquei. E a dôr me trouxe como premio da minha constancia a enfermidade, que me vence... Não verei mais o Natal, minha querida! Morrerei! E ella exaltando-se, proseguiu:

—Não mais verei o Natal, e si o visse elle não differiria dos meus dias passados: cheio de sombra, de dôres, sem cantos festivos nem bimbalhar de sinos...

Calou-se. A dôr a transfigurára. Approximei-me e ella, tomando-me a mão supplice, falou num sopro:

—Vae querida! torna á tua luz, á tua vida! Deixa este quarto em que se respira a magua. Vae. Gosa, sê feliz, mas ouve-me: Não ames nunca! Assim todos os dias de Natal te trarão encantos e tu sempre acharás poesia e consolo na prece que fizeres ao pé de um presepe pequenino e lindo...

E eu parti. Fóra a tarde radiosa me deixava antever um Natal formosissimo; mas eu tinha o coração alanceado ao pensar na pobre amiguinha que conhecera a um tempo, a ventura e a dôr num dia de Natal, doirado, diante de um presepe minusculo e formoso.

LEONOR POSADA

ANNO IV Rio de Janeiro, Quinta-feira, 4 de Janeiro de 1917 N. 81

EXPEDIENTE:

ASSIGNATURAS (ANNO. . . . Rs. 18$000
(SEMESTRE . » 10$000

Redacção e Administração - Rua Sete de Setembro, 44 - Telephone 5801 Central
Caixa postal 421

Não se restituem originaes enviados á Redacção

CHRONICA

Não sei se devo começar falando em Deus ou na mulher, nas flores ou nas crianças, no amor ou na alegria, na dor ou na saudade ou emfim nos acontecimentos da semana, revestidos de crimes, desastres, suicidios — alguns mesmo pela falta de recursos, deixando transparecer assim em cores nitidas, a extrema necessidade — a miseria batendo á porta dos infelizes desprotegidos pela sorte — emquanto os ricos se banqueteam na eterna festança da alta sociedade, saudando a entrada de mais um anno que surge e indubitavelmente ser-lhes-á a continuação de uma felicidade — embora ficticia — mas, duradoura, entretanto, procuro neste instante um assumpto que possa ser agradavel ou proveitoso ás distinctas leitoras e sinto que as idéas se me confundem, ficando um tanto baralhadas para fazer uma chronica que possa, se não agradar, pelo menos merecer a desculpa benevola da leitora exigente. São tantos os assumptos que bem difficil se torna escolher um que preencha todos os requisitos do bom gosto das nossas queridas leitoras.

Pensei prematuramente falar sobre o sport, mas, qual delles servir-me-ia de thema? o nautico? o hyppico? o pedestre? não, por certo o footbaal agradaria immenso ás senhoritas que são fanaticas e tanto apreciam um *goal* bem defendido. Após alguns minutos de reflexão, julguei falar sobre a dança, porém, não tenho a devida competencia para julgal-a, razão porque desanimei desse intento e cheio de coragem, confiado no sentimento de bondade que as nossas leitoras nos dispensam, peço licença aos que me lêm para apresentar um pequeno e humilde protesto contra o abuso das saias curtas que grande parte de senhoritas exageram irreflectidamente.

Concordo com a moda das saias, porque, effectivamente ella é elegante, entretanto, condemno o exagero que se vem verificando ultimamente, tornando-a condemnavel.

Reflictam e vejam si o chronista de hoje é ou não imparcial no seu modo de pensar. Usem saias modernas, mas, não acceitem modernismo em excesso, porquanto temos certeza que as nossas gentis patricias são muito intelligentes para julgarem sobre esse caso.

R. W.

OPTIMISMO

(*A Alice de Almeida*)

Ser mulher é trazer o coração aberto
A' maior affeição, é tel-o sempre exposto
Ao amor, ao carinho, e resplendente o rosto,
Na vida caminhar buscando o trilho certo...

Ser mulher é não ter nem sombra de desgosto,
O homem dominar... Si o coração incerto
Quer firmar seu poder não encontra deserto
O humano coração ás suas ordens posto...

Ser mulher, imperar, não soffrendo a desdita,
Vêr supplice a seus pés a mendigar afflicta
A alma juvenil pedindo amor ou morte;

Ser mulher, que ventura! o cumulo da sorte!
Ser mulher, ser feliz, não conhecer a magua
E mostrar de prazer os olhos rasos d'agua!

21—XII—1916.

FLAVIO GOUTRAND (poeta aposentado)

SANTO NATAL

Para o espirito puro e bòm de Helena D. Nogueira.

O silvo agudo da locomotiva partindo annunciára a Martha, que anhelava esta viagem, a sahida do comboio.

Os soffrimentos que a torturavam, soffrimentos que só Lucia, sua amiga intima, sabia, desappareceram um pouco, durante os rapidos annos que estudára para conquistar um diploma que lhe assegurasse o professorado, trabalhosa, como dizia, mas consoladora profissão.

Na companhia jovial das collegas, no meio da alegria que a mocidade feliz espalha em redor de si, ella se esquecera, quasi, da dôr que lhe tornava a existencia uma cadeia insupppportavel, mas, agora que terminára o curso, que deixára a escola e que d'ahi a mais teria graves responsabilidades, perguntou a si propria si não era loucura sacrificar uma existencia por amor de um homem, que a illudira, como se illude uma criança que mal sabe falar.

Só então comprehendeu que aquelle amor seria a causa da sua morte, como já o era do seu martyrio.

E, recostada ao espaldar da cadeira, pensou, de olhos fechados, no futuro que a aguardava.

Quando abriu os olhos a paysagem havia mudado por completo, a casaria da cidade fôra substituida pelo verde das arvores, o seu olhar procurou um ponto onde fixar-se, mais uma vez, porém, máo grado seu, a imagem de Carlos feriu-lhe a retina.

Meu Deus, porque será que, passados tantos annos, esta imagem continúa a perturbar-me, a roubar todo o socego de que carece minh'alma?

Continuou a olhar a extensão das arvores que se succediam.

Invejou, então, a existencia calma do camponez, que vive livre das hypocrisias da cidade.

D'ahi a pouco o silvo da locomotiva fel-a ver que era preciso desembarcar.

Na gare Lucia a esperava.

Recebeu-a com um turbilhão de beijos sinceros como só devem ser as das amigas desinteressadas e ternas.

Mas, passada esta eclosão de affecto, que a sua natureza rude de menina do campo não soubéra reprimir, ella disse: — Martha, minha Martha, como estás mudada; foram os estudos do ultimo anno de curso que assim te fizeram ficar; oh! vem, minha amiga, eu saberei dar-te o caminho de que tanto necessitas.

A locomotiva, depois de curta demora, partiu, e ellas tambem seguiram em demanda da fazenda.

Ah! o campo, Lucia, como eu o amo, elle dará á minh'alma o socego e a paz que almejo.

E conversando, as duas amigas abraçadas transpuzeram o largo portão da fazenda.

....

Quem era Martha?

Cabe aqui na segunda parte desta singela narrativa isto dizer.

Martha era filha unica de um negociante abastado.

Nascêra embalada pelos effluvios divinos do amor.

Duas almas que se haviam unido, e, de cuja fusão resultára ella, estabeleceram desde o dia do seu nascimento, ao redor da sua pessoa, uma cadeia dos mais ternos e divinos cuidados.

Aos 4 annos teve a desdita de perder a mãe.

Para o marido que adorava a esposa, cara flor dos seus sonhos, este golpe foi tremendo; encontrou, porém, no amor innocente da filhinha o conforto que su'alma requeria.

Dedicou-se, então, á educação da filha. Internou-a no melhor collegio, onde foi ella educada esmeradamente.

Cursava, então, o penultimo anno de collegio, quando, por occasião de uma festa de férias, após haver interpretado uma opera celebre, foi apresentada á familia do coronel Ramos, que muito admirára o seu talento musical.

Carlos, filho do coronel Ramos, estudante de direito, teve a dita de despertar a alma até então insensivel da mocinha.

Martha amou-o sem saber como.

E Carlos parecia até retribuil-o com mais intensidade ainda.

Houve alguem, no entanto, para quem este amor se revelou como um triste presagio; este alguem foi Lucia, amiga, collega e confidente de Martha.

Mais de uma vez Lucia lhe dissera com o doce carinho de irman: — Carlos te não ama, elle jura um sentimento que o seu peito não abriga, Martha!

Quem já poude dizer a quem ama que é illudida?

Ninguem, porque o amor transforma o pensar, e vê tudo por um prisma roseo.

Cêdo, porém, Martha conheceu a verdade.

Carlos, com 24 annos, após haver terminado o curso de direito, por conveniencias de familia e tambem por interesses monetarios foi noivo de uma prima e dois mezes depois se casaram.

Nada communicou a Martha, nem sequer lhe dirigiu uma carta que explicasse o seu procedimento.

Dera esta noticia á menina o jornal que trouxera o resultado dos exames do collegio.

Sua constituição vigorosa, é bem verdade, não resistiu a este choque e ella adoeceu gravemente.

Dois annos vivêra embalada neste sonho, que assim se desfazia!

Encontrou em Lucia uma irman dedicada e solicita.

Lucia sacrificou, em vista do estado da amiga, os passeios que projectára para as férias, e ficou ao lado de Martha, dando-lhe os remedios physicos que o seu corpo pedia, e mais que estes,os moraes de que a sua alma

necessitava. Esta doença consolidou este affecto, cimentou esta alliança.

Sómente o pae de Martha achou n'aquella doença um enygma que os seus affazeres lhe não permittiam decifrar.

Sabia, no entanto, que ao lado de Lucia nada faltaria a Martha.

Quando a filhinha melhorou levou-a com Lucia para a fazenda desta.

(Continua no proximo numero)

MLLE. CORDELIA.

A obra feminina na actual guerra

Uma verdadeira revolução social opera-se com o actual conflicto europeu. A mulher toma posições salientes no tectrico momento, que arrasta a Europa a uma das mais horriveis rajadas de sangue.

Albert Thomas, personalidade em evidencia do actual gabinete francez, acaba de fazer mais um vibrante appello a todas as mulheres francezas convidando-as a collaborarem na obra de defeza nacional.

Desde o inicio desta grande guerra que tem sido posta á prova a coragem e a tenacidade da mulher, qualidades essas ha muito reconhecidas e, que agora encontraram opportunidade excellente para serem evidenciadas.

O appello dirigido ás mulheres da França pelo ministro das Munições, é redigido em termos dignificadores rendendo uma homenagem commovida á coragem do bello sexo, que desde alguns mezes vem prestando serviços á obra de producção, condição imprescindivel para o resultado de uma guerra moderna.

Em todos os paizes em guerra a mulher substitue o homem, que segue para os campos da luta afim de pagar o tributo de sangue exigido pelo amor á Patria; na Inglaterra segundo declaração do ministro do commercio empregam-se 400.000 mulheres em differentes mistéres, sendo em numero maior as que trabalham nas officinas de metallurgia.

O sexo delicado executa com perfeição todos os trabalhos confiados, muitos d'elles de difficil confecção, e que exigem força e vigor.

E' extraordinario e empolgante a admiravel vontade das mulheres, exclamou ha pouco tempo Lloyd George, quando visitou todas as usinas da Bretanha.

Esse mesmo estadista, num prefacio ao volume illustrado, publicado depois dessas visitas, enalteceu a grandeza da mulher, confessando a sua capacidade de trabalho, e affirmou ser essa actividade uma revelação para o mundo.

O testemunho desse auctorisado estadista, hoje chefe do gabinete inglez, demonstra o quanto tem sido util o esforço feminino, neste grande cataclysmo, o maior incendio cahido sobre a Terra, matadouro humano, onde o sacrificio apparece como n'uma Divindade merecedora do mais acrisolado amor e Bondade.

A mulher imponente na sua magestade de Belleza, tem nesse sacrificio todo realce, pois ella demonstra não ser somente a mãe, a defensora do lar, com direitos secundarios, é tambem a substituta directa do homem, a actividade, que num movimento de cohesão e amor, corre em auxilio dos governos, prestando todos os serviços necessarios á salvação das nacionalidades. Aquelles, (anti-feministas) que não acreditam na força de vontade da mulher devem agora contemplar esse drama que se desenrola na Europa onde ella apparece sublime para o Trabalho, suavisando tambem a Dor dos martyrisados.

A. C.

O CASO DO CORAÇÃO

Não serei indifferente
á antiga e grande questão,
que envolve já tanta gente
no caso do coração!...

— Não ha quem não se encommode
com tão grave solução!...
Diz o Guedes: "Não se póde
governar o coração!..."

Um outro que diz que tem
de um ganso o longo pescoço,
mette o bedelho tambem
e faz em ironia o esboço!

E traz do Belmiro Braga
umas rimas de... mosquitos!
E' bom que agora nos traga
a turma dos matta-ditos...

— A Bertine é a causadora
da enorme conflagração
onde uns dizem: "Sim senhora"
e outros replicam: "Não!" "Não!"

Mas não é só falar a esmo
e ficar por isso mesmo!
E' preciso a explicação
porque póde e porque não!

Este caso me sacode
as fibras do... coração!
"Não póde! Póde! Não póde!"
— Parece até uma prisão!...

De outra vez recorda o esboço
de um caso que é original!
— E' o caso de Matto-Grosso
com o Supremo Tribunal!...

— Desculpae-me esta franqueza,
mas, não dou minha opinião
porque eu não tenho a certeza
si tenho ou não... coração!...

MCMXVI.

VICTOR SANTOS.

A duas victimas de Cupido

«Impossivel!» Palavra cruel que encerra sempre uma queixa que traz tambem uma desgraça áquelles que a precisam pronunciar!

Direis, no entanto, que o «impossivel» muitas vezes vem sanar um mal, vem impedir uma infelicidade. Oh! mas quasi sempre o "impossivel" é o grito angustioso de um coração que soffre; é a treva quando o coração pede a luz! é o nevoeiro que encobre o sol do amor! Conheceis, porventura o «amor impossivel ?!»

Oh, Deus! derramae a vossa augusta misericordia sobre essas victimas de Cupido! regosijae-vos, vós outros, que não presentis as agruras de um amor impossivel!

Duas creaturas dignas de se amarem, quando os corações se fundem num só, e vêm pallidamente ir surgindo o «impossivel» que se accentua então progressivamente tomando cores as mais escuras, soffre... soffre muito... e a vida lhe será eternamente um sonho negro povoado de tetricas visões.

—Paulo, rapaz distinctissimo e sem compromissos, teve e tem um amor que se reveste sempre de toda a distincção que lhe impõe o seu caracter leal! Entretanto um «impossivel» pequenino no sentido e grande nas consequencias frustou-lhe todos os sonhos! E Paulo que os acariciara criteriosamente viu desfazerem-se um por um os seus castellos de um puro amor que se debatia de encontro á rigeza de um impossivel pequenino, negro e ironico. E pouco a pouco este ser que merecia todas as surprezas, todas as venturas de um amor sincero definha lentamente, lentamente! Elle soffre! soffre muito porque padece duplamente! Elle sente toda a immensidade de sua desgraça mas o que mais o tortura é não poder fazer feliz áquella que ama e que tambem o ama. São dois corações virtuosos que se encontraram, se comprehenderam, mas apartados duramente por essas futilidades que o destino sabe tecer para frustar os sonhos de aureas esperanças, sentem-se cada vez mais unidos pela desgraça!

Hilda tambem soffre porque ella ama com toda a sinceridade de um coração puro e ardente! Ella padece porque viu insensivelmente desfeitas as suas mais doces illusões! E esta joven que devia conhecer somente a felicidade jaz immersa no mais negro mar da desgraça onde tudo é tetrico! onde tudo é causa de uma dor atroz!

Cruel destino que fez se approximarem duas pessoas de sentimentos bellos para apartal-as pelo infortunio, que fez brotar um amor puro para tornal-o impossivel! e ferir assim dois corações que se inutilisaram porque as chagas do amor são feridas que se curam.

E assim Paulo e Hilda que podiam gosar de um amor divinamente puro e sincero, soffrem hoje como verdadeiros martyres do amor, as funestas consequencias de um amor que o destino originou e a fatalidade ironicamente transformou numa cousa simplesmente impossivel!

E Deus, summamente misericordioso, dignai-vos abençoar esses infelizes para que elles possam fruir com as vossas bençams ou em vosso regaço as graças, as felicidades que aqui na terra, em jardim que a flor mais bella é a mais espinhosa, não lhes foi possivel desfructar! E esses entes que um amor impossivel dignifica entoarão, gratos e commovidos, preces sinceras, cujo amago são dois corações soffredores e dedicados! preces essas que terão um unico fito: o de adorar e agradecer ao Omnipotente o coração do seu nobre e infeliz amor!

Um amor impossivel é a mais densa treva que pode empanar a vida humana.

MLLE. ROBINNE (A Franceza)

PAGINAS INFANTIS

CONTO

Ao priminho Gastão de Almeida

Na encantadora cidade de Petropolis, existia um casal que possuia um filho que tornava ainda maior a felicidade daquelle lar, onde a paz parecia ter edificado sua eterna moradia.

Paulo, assim era o nome da gentil creaturinha, moreno, olhos vivos e negros, cabellos da cor de ebano, constituia, aos dez annos, o verdadeiro typo da bondade e obediencia; mas ao par das boas qualidades de que era possuidor tinha um grande defeito, que muito contrariava seus bondosos progenitores: era muito vadio, nada o fazia estudar. Nem os virtuosos conselhos de sua mãe, nem as palavras reprehensivas do pae conseguiam com que Paulo tivesse algum amor pelos livros.

A rebeldia da criança chegava a tal ponto que os mestres se recusavam ensinal-o; vinham duas, tres vezes, na quarta notavam logo a falta de applicação aos estudos e por meios delicados despediam-se, o que muito jubilo causava a Paulo, que com o decorrer dos dias mais odiava os livros, que se conservavam fechados horas e horas.

Certa occasião, achava-se Paulo conversando com diversos collegas sobre o patriotismo; cada menino affirmava ser o mais dedicado á sua patria, diziam fazer isto ou aquillo para ser util á sua terra, e entre estes murmurios muitas horas passaram; quasi ao terminar da palestra, o pae de Paulo, que tudo ouvira, approxima-se do grupo no qual se achava seu filho e diz:

— "Queridos meninos, ouvi o que conversavam e sobre isto eu tenho que lhes dizer alguma cousa, escutai: todos vós podeis ser patriotas, mas exceptuando-se o meu filho Paulo, pois elle não procura estudar, para que com alguns esforços consiga ser um homem distincto, honrando assim o Paiz que lhe serviu de berço; ficai certos, queridos filhos, que a maior gloria de uma Nação é a intelligencia e sabedoria de seus filhos, não é só empunhando a espada que se é patriota! Estudai, pois, para o engrandecimento do nosso glorioso Brazil! Nos momentos que o desanimo se apoderar de vossos corações, invocai a imagem da nossa bandeira, olhai para esses campos, para o firmamento azul, eternamente azul para os que cumprem com seu dever, e vereis então como por encanto surgir em vossos cerebros as grandes aspirações, o desejo vehemente de servir vosso torrão natal. Ah! é sublime o amor da Patria, honrae-a amiguinhos! Estudae, estudae muito!"

Paulo, ao ouvir as palavras de seu veneravel Pae, jurou pela Bandeira Nacional que jamais perderia o tempo em travessuras, que estudaria muito, que se applicaria o mais possivel. E, realmente cumpriu o que prometteu. Annos passaram-se, e hoje é um dos nossos mais conceituados engenheiros; seus companheiros seguiram tambem seu exemplo, pois uns formaram-se em doutores, professores, advogados, etc.

Oh! bemditas as palavras d'aquelle adoravel ancião!

Rio Comprido, 30—11—1916.

LUCIA.

Saudades...

A' priminha Lili, ausente em Portugal.

Tarde calida e triste... Reina um silencio funereo! Tudo se encontra paralysado sob a mesma impressão de tristeza e tedio.

Apenas, de vez em quando, uma ou outra ave, trefega e tardia, corta

a monotonia deste silencio, em procura de seus ninhos.

Na immensa vastidão do firmamento, pela fimbria arroxeada do horizonte, descamba lentamente o sol, entre nuvens de uma côr dourada! E' a hora do crepusculo; hora em que o sino da egreja, num tom grave e bello, ecôa pelo mundo "Ave Maria".

Não posso explicar o que sinto: um quer que seja de sobrenatural invade-me o cerebro... sinto-me sob a pressão de uma força magnetica que tudo, tudo faz olvidar.

Tento em vão lutar com a languidez que me invade o ser; os meus olhos cerram-se insensivelmente, emquanto que, de manso, meu corpo vae descaindo sobre o rustico banco em que repouso!

. . . .

Oh! eis-me em todo o esplendor de um sonho vaporoso! Vejo-te! os meus olhos não se enganam... approximas-te vagarosamente...

Agora sinto-te; sim, sinto as tuas mãos em contacto com as minhas... os teus labios tremulam sem poder articular palavra, porém eu leio em teu meigo olhar a alegria que irradia em tu'alma, o amor que só os corações como o teu sabem comprehender. Approximas-te mais, mais, e... imprimes em meus labios um terno e apaixonado osculo.

O meu corpo estremece, como se fosse tocado por uma corrente electrica; abro os olhos, volvo-os em torno, e nada... A mesma solidão, a triste realidade.

Ouço apenas, de uma rôla afflicta, um triste gemido de intensa melancolia, que pelo espaço afóra vae morrendo; e vejo, no céo, Delia magestosa desdobrando paulatinamente sobre a terra seu argenteo manto.

Sentidas e amargas lagrimas desprendem-se de meus tristes olhos, chorando a dura ausencia que nos separa.

JUREMA OLIVIA.

Correspondentes

São nossos correspondentes: em Petropolis, o Sr. Euclydes Raeder;

em Nictheroy, o Sr. Heitor de Frias Sá Pinto;

em Campos, o Sr. Leonel Dorna da Silva;

em Bello Horizonte, o Sr. Alberto de Castro Leite.

Enlace Luiz José da Costa--Isaura da Costa Regua

Realisou-se no dia 28 de Dezembro o enlace matrimonial do sr. Luiz José da Costa com a gentil e prendada senhorita Isaura da Costa Regua, dilecta filha da viuva sra. Herminia da Costa Regua.

A solemnidade civil teve logar á rua do Senado 351, onde tambem se realisou uma deslumbrante "soirée", que teve o concurso do bello sexo, representado pelos primeiros ornamentos da nossa sociedade. Esta encantadora festa decorreu brilhantissima, sendo caracterisada pelo espirito de gentileza e fidalguia, tendo o nosso companheiro recebido as mais sublimes provas de carinho e affecto.

A belleza, e a elegancia feminina foram representadas pelas senhoras e senhoritas seguintes: Ida Gameiro, Heloisa Gameiro, Esther Regua, Albertina Queiroz, Alice Queiroz, Maria Emilia Meirelles, Alcina Queiroz, Argentina Gameiro Saraiva, Alcina Jons, Maria Bastos, Blantina Queiroz, madame Perez, Dolores Vargas, Annita de Souza, Gioconda Gameiro, Aurelia Menezes, Zaira de Faria, Odette Lyrio, Jany Eudique, Jaly Figueiredo, Anna Neiva, Eugenia Andrade, madame Oliveira, Cecilia de Araujo Lousada, Olga Paranhos, Adelaide Siqueira, Emilia Costa, Herminia Regna, Celina Gonçalves, Angela Padilha, Antonia de Oliveira, Cenira de Faria, Cecilia de Faria e outras que não podemos conseguir os respectivos nomes.

A festa decorreu toda noite no maximo da jovialidade e da graça, tendo as gentis senhoritas Albertina Queiroz e Alice Queiroz recitado maviosas poesias. Foram levantados brindes enthusiasticos tendo a todos respondido o nosso companheiro, que tambem interpretou em palavras de sympathia, o gesto de carinho dispensado por todas as senhoritas.

A VIDA

Vida! Vês esta vela acesa, que ao mais leve sopro da viração apaga-se; assim és tu, oh! vida, quando na idade mais fagueira da juventude, desappareces para sempre! Qual ninho tristonho, a empanar o céo azul, tambem no nebuloso véo da descrença, envolves o—batel das mais caras illusões.—Como o tufão que tudo destróe, tambem fazes ruir por terra os melhores castellos da existencia! Toda a phantasia creada pelo amor, tu fazes rescender no odio que te faz sorrir. Quão miseravel é o teu cajado, oh vida, implacavel! Quantos que a chorar imploram o teu calor, qual cigarra algida, de atroz inverno, sem que tuas mãos perversas, os acompanhe ao almejado abrigo!... Quantos, que blasphemam ironicos, a tua existencia execravel enviam a maldição eterna! Scentelha luminosa que és, nunca concedeste aos desgraçados a esmola de um olhar! Diva genial, nunca ouves os mais ardentes desejos da humanidade! No teu niveo cóllo, nunca offertaste o alongar de um prazer. Aos esperançosos, negas sempre o teu alento, creação celeste! Do que serve a crença, que alguns te consagram si és tu mesma oh, astro sem luz que os faz naufragar, no crisol das illusões?!...

Oh! incomprehensivel fardo, quem te carregará sorridente, se comtigo trazes toda a immortal procissão da Dôr, bem como rutilas alvoradas de prazer?...

Aos «escravos da vida» como diz o poeta, quantas desgraças não estarão reservadas no palco formidavel da existencia? Vida como o batel bonançoso das illusões, tu nos fazes navegar no mar das esperanças, abrigar no porto da descrença e depois... naufragar contra o recife da indignação—o Desengano! Ainda qual guia celeste tu nos ensina o caminho da felicidade, apontas a estrada da gloria, leva-nos ao paiz do sonho e da phantasia, guiados por ti nos erguemos ao ideal ambicionado, voltas então á ilha da Recordação e á serra da Saudade. Fazes o teu viandante subir ao cume da Realidade, e lá de cima o atiras ao estreito da Fatalidade!

E desappareces, ser incognito, sem deixar vestigio de tua maldade, qual céu limpido e sereno, após a tempestade. E's sarcastica e cruel!

Nunca te poderei amar, Diva genial que és tu, oh Vida!...

ELZA G. NASCIMENTO

Botafogo, 18—11—1916.

Um coração descrente

Recordações!

São seis horas da tarde. O sino da egreja em monotonas badaladas chama os fieis!

E eu, sentada á varanda de minha casa escuto estes sons plangentes e mysteriosos: Ave Maria! Ave Maria!

E' a hora mais melancolica que pode haver principalmente para quem como eu, tem o coração nadando em angustias e amarguras. E, quando o nosso peito está cheio de tristezas o que poderá consolal-o?! Só as lagrimas lhe dão allivio no momento em que elle se vê afflicto e descrente da vida, deste mundo tão ingrato! Quando a tristeza se apodera de um ente nada pode escondel-a e pobre de quem possue um coração desfeito em tristezas! A tristeza é o excesso de soffrimentos, amarguras e desgostos.

Quem tem uma angustia tem uma tristeza, e ella vem de um pequeno vaso que se chama—coração!

Quando o coração padece apodera-se delle a tristeza. Um coração apaixonado está sempre pleno de desgostos. Deus creou a tristeza porque cada nm de nós não pode viver eternamente sem possuil-a.

Eis porque tenho o coração desfeito em tristeza, Do mundo não espero mais nada; a unica consolação que me resta é padecer, levando a minha cruz ao calvario.

Não sei porque motivo soffro tanto...

Durante este periodo de existencia que tenho só hei encontrado angustias e amarguras.

Amei como se pode amar, mas desse amor me resta somente: melancolia, padecimentos e ingratidões.

Nunca fui feliz com o meu eleito, nunca pude gosar uma palavra que me fizesse recuperar as forças perdidas e hoje descrente de tudo o unico consolo que ainda tenho é simplesmente olhal-o, admiral-o e contemplar aquelle rosto tão meigo e tão lindo. Vejo-o passar por mim, ao longe, e, os meus impetos são pavorosos que o unico desejo meu é que elle veja atravez de meus olhos o amor que trago n'alma. Quando o não vejo, minha afflicção ainda se torna maior, embora disfarce os meus sentimentos para lhe provar que não lhe amo.

Trago o coração negro, não tenho mais esperanças. Quando este sentimento nos abandona, quando este sublime balsamo nos falta, nada poderemos desejar senão o descanço eterno. Por tua causa ente querido, bebo a taça da descrença e navego no mar da desillusão, tendo por barco o teu desprezo. Quero esquecer-te, mas te trago sempre á lembrança, amo-te tanto que por mais que procure esquecer-te não posso. Antes morrer do que penar. Adeus.

MARIETTA C.

NOTAS DA PAULICEA

O Automovel-Club

A nota elegante do anno que se passou, foi, sem duvida, a festa promovida na noite de natal pelo Automovel-Club, sociedade que se tem imposto no nosso meio como o centro da aristocracia e da elegancia.

A festa da noite de 24 foi um triumpho para a «coqueterie» e o bom gosto.

Promovida por um grupo de pessoas que fazem a honra do mundanismo da paulicéa, ella constituiu um grande acontecimento de revelancia civilisadora, muito contribuindo para o bom nome que São Paulo gosa como capital artistica.

O Automovel-Club promoveu uma "cotillon" perfeita em todas as suas fórmas, tendo a sra. baroneza de Nioac comprado em Paris as melhores no genero, formando uma das mais caras remessas que têm vindo para a America.

Os vastos salões do Automovel-Club foram decorados a capricho pela casa Dieberger, que conseguiu transformar aquelle edificio de construcção modesta em um paraizo alcatifado de flores e verdura.

A concurrencia foi grande, sendo calculado em 800 pessoas, que assistiram á deslumbrante festa.

O que S. Paulo possue de mais fino e gracioso na sua aristocracia lá appareceu, sendo digno de admiração a exhuberancia de "toilettes" raras e ricas que davam aos salões um deslumbramento sem egual.

A' 1 hora teve inicio a "cotillon", sob a direcção das Sras. Sara Pinto Conceição, Carolina Penteado da Silva Telles e os Srs. Antonio Prado Junior e Paulo Goulart.

A orchestra era composta de 30 professores que durante toda a noite executaram esplendido programma, composto em sua maioria de musicas chics e cheias de melodia e arte.

A illuminação não era só interna, tambem externamente o Automovel-Club offerecia bellissimo aspecto.

As danças foram até tarde e só terminaram quando o poderoso sol começou a queimar-nos com os seus raios de fogo.

O serviço de mesa e "fumoir" esteve irreprehensivel.

A festa do Automovel-Club foi a demonstração cathegorica do grau em que se encontra a sociedade paulistana e ella marcou o inicio de uma epocha de encontros mundanos digna da elevação da nossa sociedade.

Club Internacional

Esta sociedade iniciou as "matinées" infantis, que serão realisadas todos os domingos e dias feriados.

Corso na Avenida Paulista

Domingo, vespera de Natal, não teve a Avenida Paulista o aspecto brilhante de sempre. O que impossibilitou a concurrencia normal foi a preoccupação de toda a sociedade com a festa do Automovel-Club, "reveillons", bailes na sociedade alta e outras festas proprias do Natal.

Ainda assim ella não perdeu de todo o brilho e ainda notamos as seguintes pessoas:

Augusto Uchôa e Plinio Uchôa Filho, Senhor Adolpho Pinto, Senhor Aureliano Leite, Senhor Jefferson Nobre, Senhor Cornelio França, Familia Horacio Sabino, Senhores José de Albuquerque Lins e Manoelito Uchôa, Senhorinhas Lacerda, Senhor e Senhora Cassio Prado, Senhores Schmidt Sarmento e Octavio de Carvalho, Familia Luiz Piza Sobrinho, Senhor Andréa Matarazzo, Senhor Plinio Ramos, Senhorinhas Henrique Bastos, Familia Cunha Bueno, Senhor Henrique Santos Dumont, Senhoras Couto de Magalhães Sobrinho e Alfredo de Souza Aranha, Senhor e Senhora João Dente, Familia Alberto de Oliveira, Senhores Edú, Jorge e Fernando Chaves, Senhor e Senhora Tranquilino Galvão, Senhor e Senhora Claudio de Souza, Senhor e Senhora Claudio Monteiro Soares, Senhor Luiz Paranaguá, Familia Couto de Magalhães, Senhor e Senhora Mario Pontual, Familia Ribeiro dos Santos, Senhor José Libero, Senhora Armando Prado e Senhorinha Annita Prado, Senhor Luiz Philippe Lacerda, Senhor e Senhorinhas Bento Pires, Senhores Manoel Villaboim e Mendonça Filho, Senhores Francisco Amaral e Ignacio da Costa Ferreira, Senhores Antonio Chaves e José Prates.

Festas escolares

Grupo escolar Sete de Setembro

Foi uma bella festa a que se realisou no 3' Grupo Escolar Sete de Setembro, em commemoração ao encerramento do anno lectivo, que findou.

Este grupo acha-se localisado á avenida Celso Garcia n. 130, Belemzinho, sendo mantido pela Loja Maçonica Sete de Setembro.

Com a presença de muitos convidados e auctoridades, teve inicio o festival que se dividiu em duas partes, sendo executados exercicios pelo batalhão escolar.

CASAMENTOS

Realisou-se a 23 do corrente, na residencia dos paes da noiva, á rua do Gazometro 29, o enlace matrimonial da senhorita Carmen Moreira Pompeu, filha do sr. Basilio J. Pompeu, gerente da Companhia Paulista de Aniagens, com o sr. Alfredo La Farina.

Paranympharam o acto religioso, que foi celebrado pelo revdmo. conego Hygino de Campos, por parte da noiva, o sr. Eduardo Conceição e a exma. senhora Arthur de Cerqueira Mendes, e por parte do noivo o sr. Ernesto Pinto de Aguiar e a exma. sra. Arthur de Cerqueira Mendes.

Foram testemunhas, no civil, da noiva, o sr. dr. João de Cerqueira Mendes e a exma. sra. d. Lavinia Oliva, e do noivo o sr. Eduardo Conceição e a exma. sra. d. Idalina Ribeiro Jordão.

O acto revestiu-se de caracter intimo.

Em viagem de nupcias seguiram os nubentes para Santos.

MODOS E MODAS

BELLOS MODELOS PARA PASSEIO

Tendo chegado um pouco tarde a chronica de modas, pedimos desculpas desta nossa involuntaria falta ás nossas queridas e bondosas leitoras.

FINISSIMOS VESTIDOS PARA PASSEIO

LINDOS MODELOS PARA PASSEIO

CHICS VESTIDOS PARA BAILE

UM BELLISSIMO E SIMPLES VESTIDO PARA NOIVA

Ha uma especie de homem que não erra nunca: — o mudo idiota.

José Paulista

Aos seus assignantes, collaboradores, leitores e annunciantes o JORNAL DAS MOÇAS deseja perennes felicidades no decorrer do novo anno.

Rio, 4 - 1 - 917.

O sábio deve pesquizar sem vêr, pensar sem falar e ouvir sem responder. O homem nunca o será verdadeiramente emquanto não souber conciliar estas acções.

José Paulista

Correspondencia

Guilherme Lara — O seu soneto «Meu ideal» precisa alguns retoques.

Amefiel — O seu soneto «Remembrança» não serve.

Avatar — Apprenda a fazer versos, depois volte.

Paulo Nogueira — O sr. deve desanimar de fazer versos, pois não fal-os como nos ordenam a metrica e a fórma. No seu soneto «Anno Bom», que é decassylabo, ha versos sem cadencia e um *quebrado* que é o seguinte: «Que dir-se-ia uma valsa terna, amorosa» (11).

Desanime, sr. Nogueira!

Eurydice Kallut — Desculpe, senhorita, não é possivel.

Antonio dos Reis — Já que tanto nos pede... os «Lamentos do coração» não estão bons.

A. Magalhães — Com toda a sua maçonaria, sr. Magalhães, a «Declaração» não pegou.

Paulo de Kemp — Não servem.

A. Figueiredo — A opinião que lhe deram sobre o seu soneto «Sonho» não foi sincera, porquanto nelle notámos alguns erros e aqui lhe apontamos apenas o seguinte: «Algumas vezes julgo avistar-te» (9). Já vê o amigo que num soneto de dez syllabas apparecer um verso de nove, é de espantar.

Lili Braga — Senhorita, modifique a chave de seu «Soneto», que é exactamente igual á de um soneto de Nestor Guedes.

— Miss Cyclone, Jovial, Antonius, Cilea, Rachel Tourinho, Hercilia Pinto, Sebastião Reis, Euclydes de Carvalho e Floro Vergel, acceitos seus trabalhos.

NOTA — Todos os trabalhos referentes á secção de poesia devem ser enviados *exclusivamente* ao

Dr. Justo C. Vero.

Militarismo

CONSELHOS

Tenente Philomeno, não coma tanto *cação* que póde lhe fazer mal.

Tenente Arthur Figueiredo, não se impressione tanto com o seu coração, porque elle póde estourar.

Tenente Antonio Araripe Macedo, não gesticule nem se precipite tanto no falar, porque é muito feio.

Tenente Alberto Dias dos Santos, apresse mais o seu casamento, porque assim o sr. fica velho. (?)

Tenente José Araujo dos Santos, não seja tão ingrato; a ingratidão fere cruelmente.

Tenente Sebastião Pinto, não dance tanto de urso que é prejudicial á...

Juquito (Magalhães), não jogue tanto foot-ball nem seja tão fiteiro. A Z... fica enciumada com os seus "flirts".

Capitão Valmir Ramos, quando perderá a mania de ser... poeta?

Tenente Sylvio Raulino, não seja tão mysterioso, faça logo a declaração de... amôr e acabe com isto senão... juro como não darei mais conselhos.

Até á proxima semana e não maldigam tão esperto.

BEM-TE-VI

Fim de Anno

Dezembro se finda e com elle se vae mais um anno da nossa existencia.

Quantas saudades não reviverá este mez, quantas lembranças queridas e dolorosas não nos trará elle á imaginação?

Dezembro morre e com elle se vão as nossas esperanças creadas durante um longo anno e as vezes não satisfeitas, e, logo apoz o desejo ardente de desvendar ante nossos olhos o insondavel futuro.

Tudo em vão porém. E é preferivel assim, porque a desillusão dos sonhos queridos que nos voltejam pela memoria, seria mui cruel para nós. Para que desvendal-o pois? Deixal-o encoberto para vivermos felizes na doce illusão de um sonho imaginario.

Ao findar-se um anno, devemos sepultar nas cinzas do esquecimento tudo quanto passamos, e, revivermos para uma nova época, procurando semear a nossa vida de perennes venturas, pois todos nós marchamos por uma unica estrada, cujo fim definitivo é a morte, e emquanto esta não chegar, porque não enchermos a nossa existencia de felicidades, olvidando as desgraças e vivermos na embriaguez dos gozos da vida, a qual embora para muitos pareça longa e interminavel, ella na realidade é curtissima?

Porque, sejamos francos, qual o ente humano por mais feliz que tenha sido, que quererá recomeçar esta vida espinhosa e cruciante, orvalhada apenas por fugitivos momentos de doce embriaguez?

Nenhum, creio eu, e mesmo se existisse esté, consideral-o-ia um louco, pois recomeçar a vida conforme a vivemos, seria atravessarmos novamente uma quadra dolorosa, onde á cada passo tropeçamos e nos ferimos, com os espinbos crueis do rumo da sorte.

Para que recomeçal-a, pois? Não será um anno que entra egual á um anno que se finda? Não poderemos na risonha estação da primavera, alegres e despreoccupadas, corrermos pelas campinas, atraz das travessas borboletas, com o regaço espargindo em flores? No calido verão, não poderemos gozar as delicias de uma noite de luar, n'uma florida barquinha, embalados pelas ondas de um mar calmo e risonho? Não poderemos no outomno, nesta tristonha estação do cahir das folhas, sacudindo a modorra que nos envolve nos atirarmos aos prazeres do nosso grande mundo, que tanto nos offerece, e finalmente no inverno, não poderemos no meigo aconchego de um ninho tepido e carinhoso, emquanto lá fóra as neves cobrem a terra, sonharmos com o dia de ananhã? Tudo, tudo alcançaremos e podemos fazer quando é do nosso agrado.

Deixal-o pois passar, aproveitando francamente a vida e esperemos com infinita paciencia a realisação do porvir imprevisto, muitas vezes superior aos nossos ardentes desejos.

Ribeirão Preto, 12 de Dezembro de 1916.

LILIA CORAL

Communicamos aos nossos amaveis leitores que as photographias e reportagens de festas realizadas a 31 do p. p., publicaremos em o nosso numero de 11 do corrente, afim de podermos detalhadamente dar a noticia.

ANNIVERSARIOS

Fizeram annos a 30 do p. p. as seguintes pessoas:

DD. Maria Amelia Carceller Mello, Maria Augusta Barboza e Beatriz Silvares; Srs. Dr. Henrique Wenceslau da Silva, Fausto José de Lima, Dr. Izidoro de Figueiredo e o Dr. Sabino Nogueira da Gama.

Dia 1 — O Sr. Tenente Manoel Lucas, cavalheiro estimadissimo em Palmeiras, onde reside.

Dia 8 — A gentil senhorita Jandyra Marcondes do Prado Figueiredo, nossa distincta leitora.

CASAMENTOS

Dia 15 — Casaram-se no dia 15 do p. p. o Dr. Francisco Perrone, com a senhorita Mathilde Stamato.

Dia 23 — O Snr. Oscar Miranda e Annita Petri; e o Snr. Antonio Mattoso com Iracema Cassiano de Oliveira.

Contracto de casamento

Dia 25 — Contractou casamento com a senhorinha Zeny de Andrade (Santa), filha do industrial sr. José Joaquim de Andrade, o sr. Eduardo Dutra e Silva.

NASCIMENTOS

O lar do sr. Camillo Ottati Junior foi enriquecido a 30 do passado, com o apparecimento de um innocente *bebé* que receberá o nome de Fernando.

"Jornal das Moças"

AVISO IMPORTANTE

Tendo chegado ao nosso conhecimento que diversas pessoas se intitulam pertencentes ao «Jornal das Moças», sem terem autorisação para isso, publicamos abaixo os nomes de seus redactores, gerente, representantes, photographos e demais auxiliares, nesta capital. Eil-os:

GERENCIA

M. F. Carvalho
Albino Serpa

AUXILIARES

Antonio Damaso
Accacio Caria (cobrador)

REDACÇÃO

Raul Waldeck
Nestor Guedes
Alvaro Campos

REPRESENTANTES

Adhemar Pimenta
A. da Silveira Bulcão

PHOTOGRAPHOS

M. Nunes
Octavio Cardia

Todos estes senhores têm provas firmadas por mim e devem apresental-as em toda e qualquer opportunidade.

JONATHAS DE CARVALHO, director.

Tantos vivem de esperanças e tantos desesperam. E' comtudo, sabido, que ninguem ha exclusivamente esperançado ou não. Todos temos uma e outra coisa, como todos temos alegrias e tristezas, crenças e e descrenças. Os ideaes subjectivos são muitissimo bem repartidos, por isso que, os que se contradizem são partes complementares de um mesmo ensinamento. Só o pobre avalia a riqueza, só o triste conhece a alegria, só o desditoso percebe a felicidade.

José Paulista

Para uma alma singelámente bôa, nada ha melhor do que elogiar; no entanto, o elogio é muitas vezes condemnavel.

José Paulista

Os homens seriam muito mais felizes si se limitassem a esquecer o passado, conhecer o presente e ignorar o futuro. Desde que não ambicionemos outras coisas, o que temos basta para compôr a nossa felicidade. Resta não sermos ambiciosos, para sermos felizes.

José Paulista

Tempora mutantur...

Já não lamento a falta da parenta!...
Que vá p'ro céo, p'ro inferno... tanto faz!
Que soffra ou não a alma da Tia Benta
Pouco importa. Merece-a Satanaz!

Agora ando um pouquinho mais attenta,
Namorisando um guapo e bom rapaz:
— Um jacaré que vale por oitenta,
Embora tenha no focinho um anthraz...

Moço e bonito, tem cabeça chata,
Olhinhos verdes como o de uma gata
E dança n'agua como uma sereia...

Mas gosta de outra... Que martyrio enorme!
Pois eu sei que sómente quando dorme,
E' que esquece a Maria Centopeia!...

Pyramide de Mikerinos.

Maria Jacaré

«J... tomára por amôr o que era apenas a primeira amizade profunda de um coração inexperiente, a ultima manifestação do amôr ás bonecas!

Fique certa, Senhorita
Que o fez não tem perdão!
Acha então coisa bonita
Brincar-se com o coração?!

Satyrico & C.

Os homens pensariam cem vezes melhor se pensassem como ignorantes e não como sabios. A expontaneidade do ignorante é pura; no sabio a reflexão muitas vezes adultera e atrophia a idéia.

José Paulista

Quem muito perdôa não dá valor ao seu perdão, e consequentemente não mede a offensa que recebe. Ha coisas que se não perdoam, pelo menos no mesmo instante.

José Paulista

A EMBAIXADA URUGUAYA

Photographias tiradas por occasião da festa offerecida á Embaixada Uruguaya no Batalhão Naval, na Ilha das Cobras

P'ra mentiroso, mentiroso e meio

I

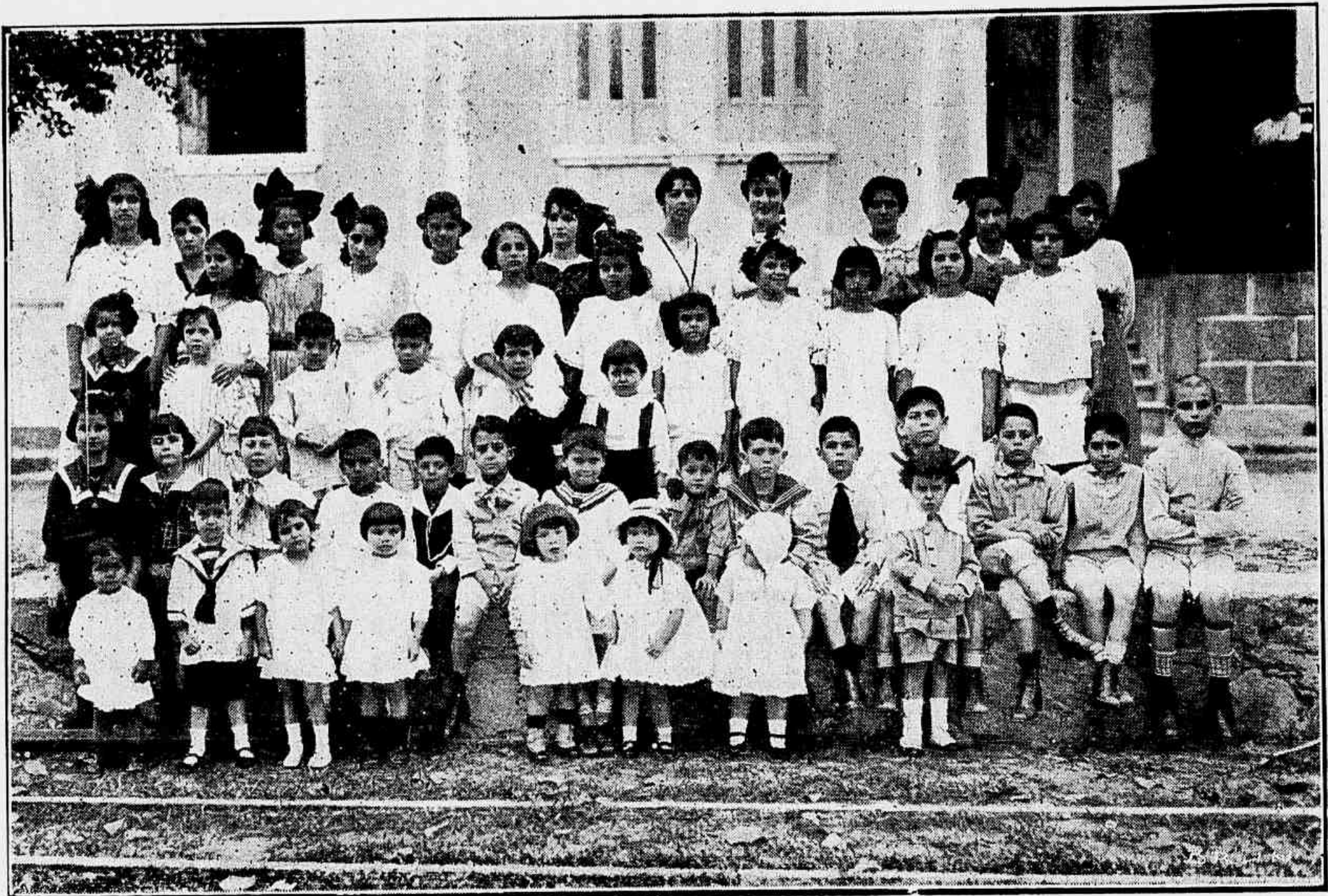
O Zecá, collega meu
Mentiroso de mão cheia
Disse que um dia viu
Uma estupenda colmeia.

II

Eu então lhe respondi
Que p'ra tirar esse mél
Vi um balde do tamanho
D'uma torre de Babél.

GATO DE BOTA

Senhoritas Hilda e Alayde Caldas — Capital

O "Jornal das Moças" na Tapéra.

Filhos e parentes dos officiaes e alumnos da Escola Naval.

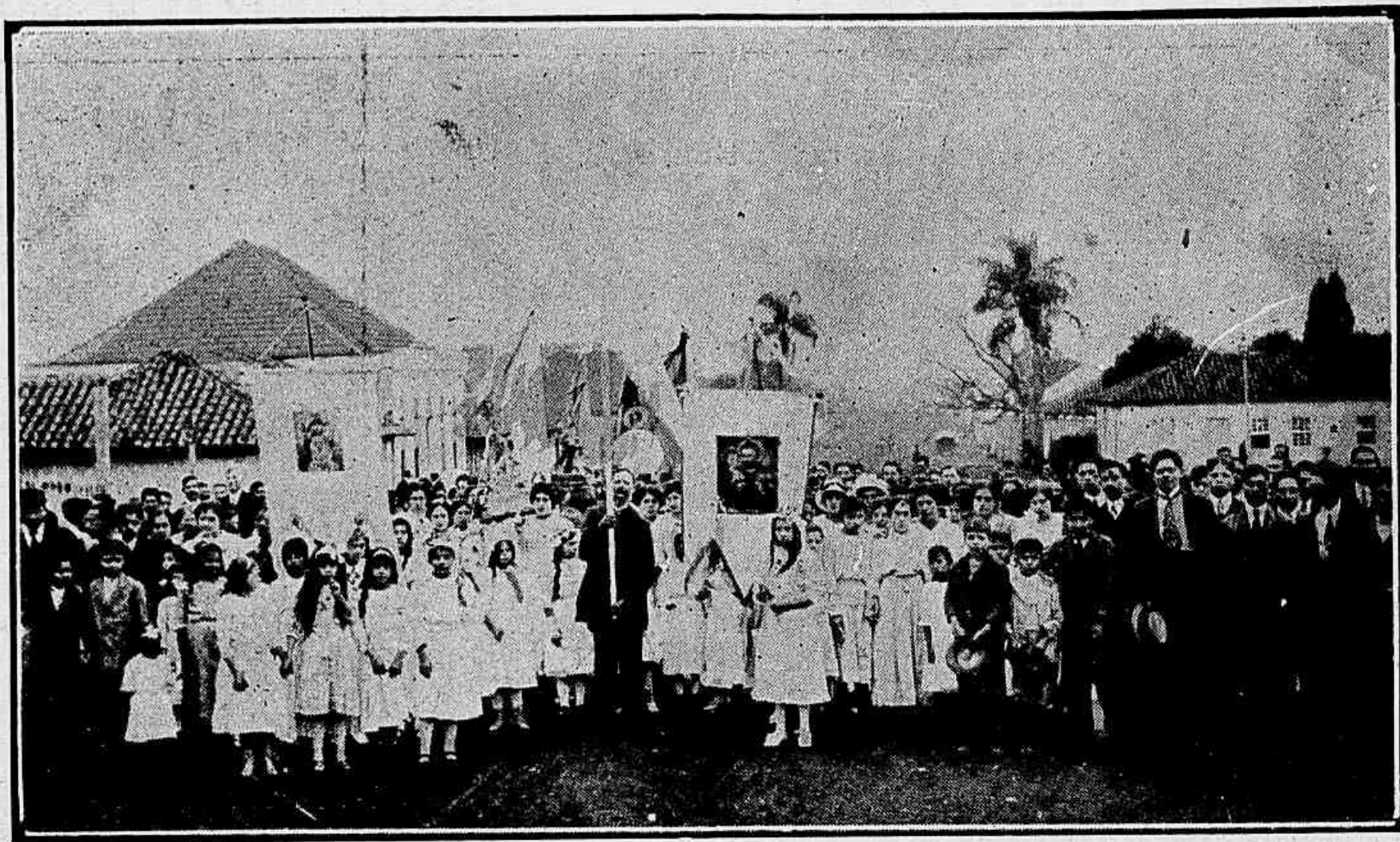
O "Jornal das Moças" na Penha

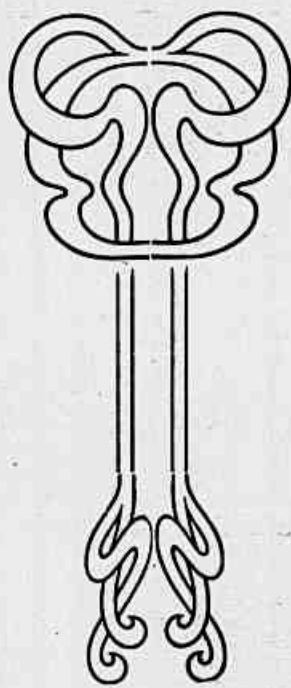
Pic-nic realisado no dia 24 de Dezembro na Penha, depois do baptisado da interessante filhinha do Snr. Adriano Pilla, funccionario do Lloyd Brazileiro.

O "Jornal das Moças" em Clevelandia, Paraná

Sentadas, da direita para a esquerda — Senhoritas Biloca de Oliveira, Mariquinhas Lameiro, Izabel Delle, Dica R. Carneiro e Presciliana Arruda. Em pé — Didi Cardozo, Maria da Luz Bello, Santinha de Oliveira, Annalica Pontes, Rosinha Carneiro e Daluzinha Oliveira

Um encontro entre «Mouros» e «Christãos», nas cavalhadas realizadas por occasião da festa de Nossa Senhora da Luz, dirigida pelo sr. Olympio Branco

O "Jornal das Moças" em Clevelandia, Paraná

Aspecto da procissão de Nossa Senhora da Luz, padroeira daquella villa

Senhorita Aracy Furtado de Mendonça — Capital

Senhorita Lucyla Freire (Capital), nossa distincta collaboradora, que se occulta sob pseudonymo

O "JORNAL DAS MOÇAS" A BORDO DO "P. DE SATRUSTEGUI"

Instantaneos das Mmes. Balthazar Brum, Maria Rodrigues e suas gentilissimas filhas antes do desembarque

Senhorita Jandyra Marcondes do Prado Figueiredo (Capital)

NOTAS SOCIAES

Proclamas

Foram lidos, na Archi-Cathedral Metropolitana, os seguintes:

Eugenio Leal da Silveira e Maria Emilia Lins de Albuquerque;

Francisco Machado dos Santos e Olympia Rosa;

Godofredo Francisco Leal e Corina Rezende Corrêa;

Alberto Leite Marcial e Maria da Silva Chaves;

Antonio Anacleto dos Santos e Eud xia Vargas da Fonseca;

José Gonçalves Paes e Clarinda Simas;

Joaquim Monteiro da Silva e Deolinda de Jesus R bas;

Antonio Diogenes de Souza e Castorina Lopes;

Victoriano Augusto Borges e Raul Castro Paes;

Antonio Corréa Pinto e Olga Rodrigues de Souza;

Manoel Hermenegildo Pereira e Angela de Hollanda Baptista;

Dr. Benigno Sucupyra Filho e Debora Lopes Couto;

Miguel Oechuzzi e Aurora Nunes Santos;

Adelino de Almeida e Briolaya da Encarnação;

Louis Laurencel e Catherine Dupont;

Alberto de Pinho Pimenta e Maria da Gloria Martins;

José dos Santos Borges e Reinalda Alice de Mattos;

Antoni Conrado Angelo Lisangi e Angela Josephina Luiza Gambeta;

Rodrigo Octavio Langgard Menezes Filho e Laura Sabino d'Oliveira;

Eleuterio Barbosa de Gouvêa e Corina Rodrigues Pereira Proença;

João Ferreira de Mello e Maria Amelia Rodrigues;

Fernando Antonio Pereira e Maria Francisca de Jesus;

José Joaquim dos Santos e Regina da Trindade Motta;

Plinio da Costa Pereira e Alda da Costa Almeida.

O intelligente Ito Athayde — Belmonte, Bahia

Senhorita Hermantina Ferreira — Capital

Senhorita Raymunda Barroca — Natal, R. G. do Norte

Enlace Mlle. Luiza Camuyrano — Abilio Rodrigues Lisboa

A noiva e convidados posando para o «Jornal das Moças».

Enlace Mlle. Isaura da Costa Regua — Luiz José da Costa

Noivos e padrinhos cap. Luiz Gonzaga dos Santos Sarahyba e Exma. Senhora - Oscar Babo Peres e Exma Senhora.

Enlace Mlle. Isaura da Costa Regua — Luiz José da Costa

A noiva e suas amiguinhas, posando para o «Jornal das Moças».

O noivo cercado de seus amigos, posando para o «Jornal das Moças».

A nossa distincta collaboradora YARA DE ALMEIDA

Esta pagina é dedicada á talentosa senhorita Yara de Almeida, nossa collaboradora, que a golpes de vontade vem adquirindo figura brilhante no procenio litterario do nosso paiz.

Esta modesta consagração que lhe dedica o *Jornal das Moças* é o culto de justiça aos seus dotes de espirito e arte.

Nas columnas da nossa revista Yara tem se destacado pelo fulgor do seu talento, merecendo dos nossos leitores todo o acatamento, justificado pela maviosidade do seu sentir, sublimado no seu estylo impeccavel, que é facetado nas suas formas lindissimas por todas as bellezas do vernaculo puro e arte seductora.

Esta homenagem é do programma do *Jornal das Moças*, que retribue muito sinceramente o esforço e abnegação de todas as suas collaboradoras, que concorrem com o seu valor e talento para o continuo progresso na arena do jornalismo de hoje.

VOCÊ ME CONHECE?...

TANGO

JUREMA OLIVIA — *A' graciosa Iracema Lessa*

Das anemias e seu tratamento

Extracto de um artigo publicado no jornal « A Noticia » do Rio de Janeiro, pelo conceituado clinico Dr. J. de Freitas.

Não é preciso se ter uma grande pratica da clinica, para que se possa fazer o diagnostico das anemias. Entretanto, o tratamento de tal doença reveste-se de difficuldades decorrentes de intervenções intempestivas causadas por um conhecimento insufficiente da composição do sangue.

E' preciso que se saiba quaes são as suas partes constituintes, assim como as modificações que ellas soffrem nas anemias, para que se possa bem escolher os medicamentos de que se tem de lançar mão.

O sangue é constituido pelo plasma, que se representa sob a forma de um liquido citrino, no qual se encontram dissolvidos os saes; e pelos globulos, vermelhos e brancos, que nelle ficam em suspensão. Os globulos vermelhos, ao exame microscopico, se apresentam sob a forma de discos lenticulares e desempenham a funcção de vehicular o oxigenio do ar até a intimidade dos tecidos que formam os orgãos, e onde elle é inutilisado.

Esse transporte de oxigeneo só se dá, porque taes globulos são carregados de uma substancia, a hemoglobina, que tem a propriedade de com elle se combinar de um modo instavel na superficie dos pulmões, e leval-o depois, quando arrastada com o globulo pela torrente circuculatoria, até os elementos cellulares. Ahi a combinação se desfaz, o oxigenio é utilisado pelas cellulas, combinando-se então a hemoglobina dos globulos com o producto de desassimililação dessas mesmas cellulas, representado pelo gaz carbonico, producto que ella novamente transporta até a superficie pulmonar, onde o liberta, e novamente se carrega de oxigenio para continuar o desempenho de suas funcções.

Essa importante propriedade da hemoglobina provém da presença em sua composição, de determinados saes de ferro, o que é preciso ficar accentuado para que se possa bem orientar o tratamento das anemias.

Estas podem apparecer pela diminuição da quantidade de hemoglobina existente em cada globulo, como acontece em casos de alimentação defeituosa; ou pela diminuição do numero total de globulos do organismo, como occorre após os doenças infecciosas, nas crianças em via de crescimento, ou nas moças chloroticas. O resultado é que os orgãos do corpo, não recebendo mais a quantidade de oxiginio de que necessitam, por não haver hemoglobina sufficiente para o transportar, nom podendo pela mesma razão desembaraçar-se do gaz carbonico que lhe é nocivo, desempenham mal as suas funcções, provocando as graves e conhecidas consequencias das anemias.

Ora, é evidende que para se remediar taes estados morbidos, torna-se necesario augmentar o numero de globulos do organismo quando delles houver diminuição, ou facilitar a sobrecarga de hemoglobina nos globulos, quando a sua cifra normal estiver abaixada. Em qualquer hypothese porém, é preciso fornecer ao corpo as substancias necessarias á formação dos gloculos ou da hemoglobina, e essas substancias, já acima dissemos, são representadas na maior parte pelos saes ferricos.

A grande difficuldade, é que a maior parte dos anemicos não supporta bem os compostos marciaes, convindo por isso recorrer a uma formula que permitta o uso de tal medicamento sem os incommodos gastro-intestinaes, que sempre se observam.

Felizmente esta formula já hoje é conhecida, encontrando-se no mercado sob a denominação de Isis-Vitalim, preparado este que pelo gosto agradaval assim como pela sua incontestavel efficacia no tratamento das anemias, adquiriu rapidamente uma reputação que hoje ninguem mais contesta. E sobretudo entre as crianças e senhores, que mais brilhantes tem sido os seus resultados, pela felicidade com que pode ser administrado devido ao seu gosto muito agradavel, e pela ausencia absoluta de acção nociva sobre o tubo gastro intestinal.

Recommendal-o portanto é um dever do todo o medico consciencioso,

Rio de Janeiro, Agosto de 1916.

Assignado

Dr. A. de Freitas

Anno Bom!...

Anno Novo!

Ao entreabrir-se a retina, sobre a sideral aurora d'este dia, não ha quem não sinta o cerebro avassallado por mil recordações! São «recuerdos» que o anno findo ecoou, e cujo eco, perdura nos corações ludibriados e soffredores—a saudade! Anno Novo! Ao entreabrires as amplas portas á humanidade cançada de soffrer, fazei com que o horisonte da nossa vida nova, seja mais brilhante, afim de que a jornada da existencia seja menos amargurada.

Para alguns, serás todo cheio de venturas e alegrias, emquanto que para outros serás um intermino rosario de desventuras! Como os annos que se passaram, trarás toda a immortal procissão da Dôr, bem como radiosas alvoradas de prazer... Para os sonhadores que vivem n'uma suprema ventura o Anno Novo trará—quem sabe? talvez um balaio de incertezas e infelicidades innumeras... Mas para aquelles que soffrem o açoite da duvida e da ingratidão, talvez que, futuros dias despontem infindaveis de venturas e felicidades sem conta... Quantas catastrophes dolorosissimas não se desenrolarão no palco formidavel da existencia! Quantas desgraças não estarão reservadas á estes pobres sêres, «escravos da vida» de que nos fala o poeta! Um Anno Novo para mim, é uma nova senda de desgraças a trilhar, por este infindavel mundo de phantasias! Pela minha mente idealista, com o Anno Novo, começam a fervilhar os projectos mais esplendorosos e sonhadores, a mais phantastica illusão, o que desgraçadamente é momentaneo, pois o cruel desalento, logo põe termo aos meus ideaes sonhados! E' o vulto negro dos annos que passa e talvez a abreviação da noite cubiçosa!

Oh! como deve ser triste o Anno Novo para os velhinhos; é que elles pensam no fim da vida que chega a passos gigantescos, os arrancando dos entes queridos! E uma tristeza immensa, fal-os espectros lividos da—saudade—a lembrança do passado que se esvahiu! Porem, o Anno Novo, deve

Senhorita Maria da Conceição Pereira, nossa assignante e agente do correio de E. Santo — (Sul de Minas)

ser mais triste, no theatro da guerra; lá longe, os defensores da Patria têm uma unica aspiração neste dia—morrer. Pobres soldados! Para que lhes serve a vida, na presença de tantas illusões desfeitas?!...

Meu Deus, como é cruel a existencia! Morrer! Oh! sim, só nisto consiste a felicidade. Os sonhos dourados da minha minha mocidade amada, desfizeram-se ao sopro do vendaval!

Para as almas sedentas de amor, mais uma esperança lhes passa pela mente fecunda. Mal pensam ellas, que a desillusão em breve, acarretará como resto de naufragio, o esqueleto dos sonhos e a ossada das visões perdidas. Anno Novo! Anno Bom! Contemplo, do alto desta subida immensa, o infindavel caminho a trilhar, o louco anceio de vencer... e as lutas a travar na nova vida...

ELZA G. DO NASCIMENTO

Botafogo.

CALVARIO

Desalentado e só, eu vou galgando
Esta montanha aspérrima da Vida,
E, pouco a pouco, o cimo vou ganhando,
Carregando uma cruz immerecida!

Tropéço, caio, vou escorregando,
Tomo de novo a róta já perdida,
Por ella sigo sempre me arrastando,
Dilacerando est'alma dolorida...

Em vão, humildemente, eu chamo alguem
Que me ampare, sustente, na subida...
Ninguem me ouve,ninguem... ninguem... ninguem...

E assim, cheio de dôr, sigo o fadario
Predestinado á minha triste vida,
Para ir morrer, emfim, no meu Calvario!

(Do «Livro Singelo»).

José Paulista

DULCE!

Coitadinha! Morreu na flor dos annos! — LAMARTINE

Ao Armando Rocha

Inda me lembro bem como se fosse agora
O dia em que te vi baixar á sepultura!
Moras feliz no Céu, oh! Dulce, emquanto chora
Muita gente, na Terra, a tua desventura...

O pranto desse dia infausto inda perdura
N'este peito que te ama ainda como outr'ora;
Qual chaga cancerosa e viva já sem cura
A devorar-me d'alma o que só vida implora.

Quantas vezes sentindo o amargo desses prantos,
Que me vae definhando em soffrimentos tantos,
Antes quizera a Morte á lagrima dorida!

Só no mundo cruel, qual num sepulchro aberto,
Faz-me crer se te anceio, ó Dulce, que por certo
Fez mal Nosso Senhor em te roubando a vida!

Bias Pereira Guimarães

CONCLUSÃO

Para o Lino F. de M. Drummond

Tu, homem, o sempre grande, o frivolo minusculo,
O heroe sem coração das pelejas da vida,
Tombas, caes muita vez vendo um timido offusculo
Que sae de um bisturi... Na luz indefinida,

Procuras descobrir a origem do Crepusculo...
Procuras com fervor a thése fementida
Nas paginas senis de um secular opusculo,
Em gothico lavrado... Assim, na eterna lida,

No cerebro trazendo esse saber profundo
Das grandes concepções, corres de polo á polo
Sempre a querer chegar ao nada, ao fim do mundo...

Por fim, sobes ao céo, e d'ahi, de onde repousas
Chegas á conclusão, que é muito sobre o sólo
Ser uma cousa só, na alluvião das Cousas!

S. Camargo de Castro

Dos «Sonetos».

VERDADE..

Ao distincto R. Waldeck

Quem não sentiu jamais as maguas desta vida,
Quem não conhece a dôr em prantos congelada;
E nunca ouviu do mar a queixa compungida
—Uma hostia de aurea luz no altar da Madrugada

Quem traz a alma sosinha, a divagar perdida,
—Do Outomno folha exul, que á rigida invernada
Cahiu do galho secco, e meio corcomida
Se envolve na poeira e rola pela estrada...

Quem nunca se curvou aos vendavaes da sorte;
Aquelle que recebe o sôpro da ventura,
E nunca presentiu no coração, a morte;

Quem só poude encontrar do Bem a claridade;
Quem jamais penetrou na treva da Tortura,
Não póde interpretar o sonho da Saudade!

Alice de Almeida

MORIBUNDO

Vae, minh'alma por este mundo afóra,
Vê si encontras, muito longe ou perto,
Uma velhinha, por quem tanto chora
Meu pobre coração negro e deserto.

Dize-lhe, ao vel-a, que me extingo agora,
Mostra-lhe a estrada, que palmilho, incerto,
Dize-lhe que se finda já nest'hora
A vida que eu vivia:—um céu aberto!...

Minha Mãe! quero tel-a neste instante
Em que um rio se forma do meu pranto,
Em que no scepticismo atróz me embrenho...

E me contorso em dores e, anhelante,
espero a benção derradeira, emquanto
Vão fenecendo as illusões que eu tenho...

Seixas Barreiros

PERFIL

A' gentil Sta. Julieta Asprino

Mignone, clara, esbelta, o talhe colleante,
O porte donairoso, a tez assetinada,
E se a sorrir arqueia a bocca nacarada
Assenta-lhe a matar um *que* de petulante..

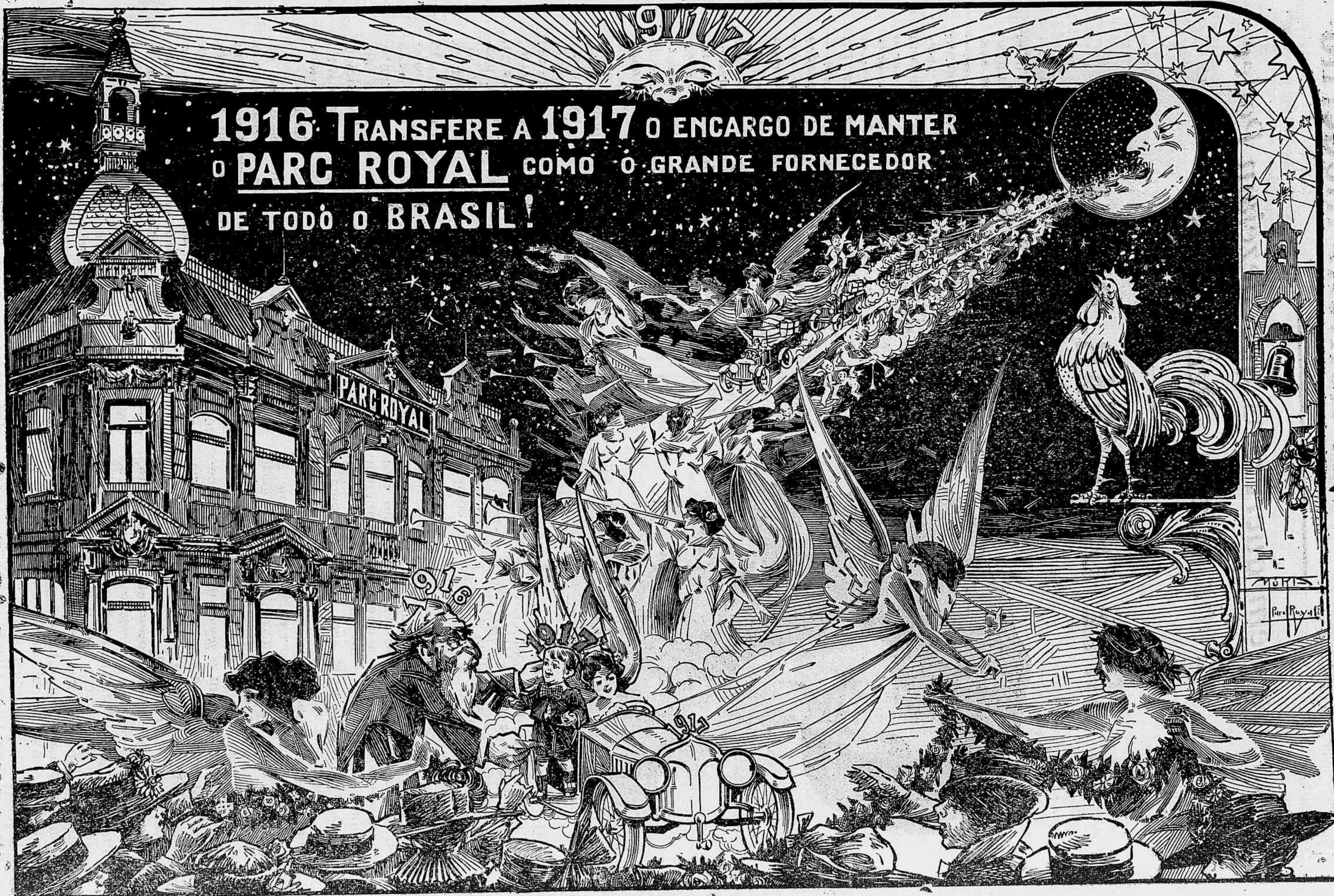
Do seu pisar subtil, da voz argentimbrada,
Do todo seu faceiro, airoso, insinuante
Desprende-se e se evola emanação fragrante
Aroma de Mulher ou halito de Fada.

E o négrido cabello em farto diadema
Explendido corôa a messe assim completa!
—Mostrar-se e ser amada é logico dilemma—

Por isso assim que a vi, á noite, na retreta,
Quedei-me apaixonado a burilar um poema
Qual fôra outro Romeu—a bella Julieta...

Santos, Novembro—916.

L. Vidal

1917
1916 TRANSFERE A 1917 O ENCARGO DE MANTER
O PARC ROYAL COMO O GRANDE FORNECEDOR
DE TODO O BRASIL!
PARC ROYAL
916
917
Parc Royal

Profissão de fé do homem moderno

Como devem querer os que dezejam Poder á maneira de Reis Magas!

A ARTE DE CREAR DINHEIRO

Ha pessoas que secretamente compram o ACCUMULADOR MENTAL e o LIVRO DAS INFLUENCIAS MARAVILHOZAS; porém, como querem ser as unicas a ter poderes psychicos, aconselham a que nada se compre ou não se acredite!

Taes pessoas são como o glutão que, querendo ser o unico a comer um pudim, guarda-o no bahú; mas, não se arredando do bahú, isto induz os companheiros a que, sem o saberem porque, tambem não o deixem sòzinho, o que faz o pudim apodrecer, sem que ele o coma e sem conquistar amizades com o dar um bocado a cada companheiro! São tambem como avarento que, segundo o Christo, enterrou a moeda: o que fez com que o mestre lhe tirasse esse *pouco*, e désse ainda mais áquele que, se já possuia *muito*, é porque teve o cuidado de fazer render tambem o *pouco* que havia recebido. Tal como a véla que, por propagar sua luz a outra véla, espevitando-se deu mais luz, —assim o *iniciador*, por mais que o iniciado avance, terá sempre supremacia sobre este, pois *seu exercicio na iniciação* lhe acarretará, sem que o suspeite, um accrescimo de inteligencia. «O apetite vem com o comer». «As vontades de dansar, jogar, beber, trabalhar, augmentam com a dansa, o jogo, a embriaguez ou o trabalho». «As difficuldades em qualquer coisa só existem no começo». «Batei na porta fechada do Occultismo, e ella se vos abrirá em Sciencia». «Ajuda-te, e o céo te ajudará!» Todas estas maximas são fórmas diversas d'um só procedimento; são como a variedade dos systemas—*catholicismo, espiritismo ou positivismo*— os quaes, se houver *rectidão* no procedimento d'aquelles que os adoptam, conduzirão á mesma *Roma*, ainda que nas taboletas indiquem destinos differentes; pois a *rectidão*, por ser o *moral*, é o que guia todos, inconscientemente sofismando a esse *moral o direito* do seu systema o que faz dizer que «Deus escreve *Direito* por linhas tortas». «Por conseguinte, nossas coizas de Occultismo estando preparadas com a intenção de beneficiarem,—aquele que as propagar ganhará, sem que o suspeite, uma força intima que, á maneira de *braço invizivel*, e em felicidades que atribuirá ao acazo, lhe abrirão o intellecto, lhe atrahirão as riquezas! Tudo deve custar, porque a felicidade só vem pelo merito do esforço. Segundo o Christo. «Todo obreiro merece salario». E' portanto iludido aquele que pensa que ha coizas de *graça*, ou que póde viver esperançado no maná a cair do céo!

Quereis que uma coisa vos seja aproveitavel, por ter seu alto custo induzido a estimal-a; e, portanto, que ela vos dê o rendimento corolário de tudo a que se presta grande atenção ou cuidado? — Gastae com ela dinheiro; sacrificae-vos por ela em trabalho; venerae-a, ou aconselhae-a como um Bem! — Vossa propaganda valendo então moralmente como dinheiro, vos acarretará a influencia psychica creadora do que dezejaes pela intenção — As *aguas* que descem das montanhas — os *poderozos do mundo* — só beneficiam os que estão na humildade, *no baixo dos vales*; e, portanto, como o escarnecedor ou molestador não têm *ipso facto* humildade, não alcançará beneficios, mesmo os da sua sciencia pseudo-infalivel; e, aqueles que o acompanharem na zombaria, o abandonarão no momento das afflicções!

O Christo se, para apóstolos escolheu os *simples* e *ignorantes*, é porque a *simplicidade* e a *ignorancia* eram aspectos da *humildade* de que os apóstolos estavam revestidos ao reconhecerem superioridade em outro poder, em outra sciencia; este *moral* atrahindo ao *invizivel* a aspiração que lhes deu *critério*, como se tivessem aprendido sciencia, — e *poder psychico* para *milagres*, como se estivessem exercitados em magnetismo. A sciencia em muitos criando o enfatuamento, cujo corolário é negar um poder superior ao dessa sciencia, —e, portanto, impedir a humildade que chama *á operação* as forças psychicas, — o Christo teve razão ao preferir os *ignorantes* em vez dos escribas ou farizêos, os quaes queriam a sciencia só para eles; "como se a luz podesse viver debaixo

do alqueire", — como se a condição da sciencia não fosse a mesma que a do amor: a necessidade de exercer-se no inteligenciar os outros, e assim *procrear-se, revêr-se* na multiplicidade da propria luz, na intimidade do proprio amor!

Aquele que verdadeiramente é *humilde*, não fóge da luz da instrucção; não perde o tempo em disputas; não fica parado a contar com o auxilio de parentes ou sinecuras do Governo; não descuida-se de sua *caza*, para cuidar dos rebanhos alheios ou criticar o argueiro no olho do vizinho! Ganha dinheiro, porque a humildade torna-o atenciozo para com os freguezes ou necessitados; instrue-se, porque respeita os mestres d'aquilo que dezeja aprender; é feliz, porque, não fazendo aos outros o que não dezejaria para si, agrada a todos; moral esta que induz todos a lhe darem valor muito acima do valor que ele julgava ter! Tal é a verdadeira riqueza, aquela que não se esváe insensivelmente, — por isso que a gratidão, as boas dispozições da colectividade para com ele sérvem de *policia* para manutenir a riqueza em poder do *Right Man?* Assim como o scéptro, o manto e a corôa, se acham sobre os creados, é emquanto os patrões estão fóra de caza; assim tambem as riquezas materiaes, se se acham com os vilões, é emquanto, pela *evolução moral*, não surgem, como *senhores*, aqueles aos quaes elas pertencem como prerogativas da sua jerarchia no governo do universo moral, intelectual e material! *A tout seigneur toute honneur!* O sêr humano foi creado para ser rico, feliz e senhor! A quem não está incapacitado para trabalhar, não se deve, por meio de esmolas, habituar a ser mendigo! A Riqueza é coiza que *não se dá*, porque atráe-se-a d'aquelles com os quaes permutamos nessas utilidades! A Verdade *tambem não se dà*, porque a vontade de querer saber, induz o esfôrço na pesquiza,—e a experiencia acérta tudo, fazendo a *Lux ex Tenebris*, a Sciencia que surge no Occultismo!

O dinheiro é, no seu caracter de creador do progresso na Terra, um análogo a Deus no Universo! Quem realmente tem vontade de ganhar dinheiro, procura instruir-se para poder ser util; agradar, para ter clientela; e é justo para, assim ordeiro, ter o maior valor que caracteriza a Fortuna. O *Adorar a Mamón* nestas condições, é um *egoismo* que conduz á *Perfeição*, e portanto a Deus, tão facilmente como o altruismo ou a caridade! E' como a linha recta que, seguindo direcção oposta á de outra linha tambem recta em derredor da esfèra da vida, atinge como ela a respectiva extremidade, visto não ter tergiversado em incoherencias; e, assim concluindo seu cyclo, rodará para o *Infinito*, um *senhorio* invencivel, pois tem a vida eterna! «Tudo que foi creado antes de mim é eterno, e eu mesmo eterno sou!» assim o disse Dante.

E' dos povos mais interesseiros por dinheiro que surgem as grandes descobertas, economizadoras de tempo, trabalho e pessoal, este ficando assim com lazeres para instruir-se, gozar o belo da Natureza, ou empregar-se em melhoramentos publicos, instituições de justiça e previdencia, cujos beneficios lhes reverterão indirectamente, por isso que não se póde ser feliz quando não se dôa, em proveito da colectividade, uma parte do bem-estar individual. Os povos que, segundo se diz, são mais *caridozos* ou *bondozos*, perdem na demaziada beatice ou politiquice, o tempo de produzirem o que necessitarão; e por isso vivem de esperanças em parentes, governo, jogo, *bicho* ou emprestimos sob hypotheca, tácita do seu territorio; a insolvabilidade acarretando no moral os corolários da perda em soberania: a hypocrizia, a bisbilhotice, o relaxamento, a indisciplina, em summa, a desunião que abre ingresso á tyrannia!

Se cada individuo cuidasse verdadeiramente de trabalhar para pagar as coizas que, como as de Occultismo, são de utilidades que fazem multiplicar o dinheiro, ganhal-o pelos meios honestos, seria isto uma *adoração a Mamon* conduzindo a Deus mais depressa que a *falação* em altruismo, caridade, amôr do proximo, patriotismo, finanças, justiça ou governo! Estas qualidades não pódem existir *só com falatório*, falta-lhes o *Cum Quibus*, a fé no *Ideal* por uma instrucção verdadeiramente certa como a do Occultismo; fé que, por enthusiasmar na vida, fará em producção aparecer, *pari passu*, aquilo que nos stocks vae sendo substituido *apenas pelos maiores omnus dos impostos ou papel-moeda* visto rareiar o pessoal obreiro por este ter quem o sustente á custa dos maiores onus; os quaes, induzindo por isso nos preços a alta desvalorizadora do dinheiro, afectam os que se aproveitaram dos omnus e cauzam o retrahimento do capital que poderia dar trabalho ás classes sociaes, que indirectamente tambem d'eles viviam.

"Barriga cheia, cara alegre!" Quando ha muita producção, *pouco se fala*, e os systemas, que anteriormente pareciam erroneos, servem para, com igual presteza á dos que se supõe melhores, chegar aos mesmos fins! Quando se tem dinheiro, o passo acerta, a sciencia vem por inspiração, todos nós, julgam mais belo ou joven, e nos imitam inconscientemente como a um *leader!* Para haver maior producção que necessidade de consumir, cumpre estar alegre com a fé de que o producto do trabalho não será arrebatado por impostos ou roubado pelos que parecem mais fortes; comprehender que, em substancia, "o mal fica com quem o pratica"; ou que, aquele que faz o verdadeiro bem, por isso que não conta com a gratidão, o bem voltará! O Occultismo, argumentado com razão e os factos, entra, para apontar os factos, na anályze de impostos, introducção de dinheiro, manejos de trust, jogo, cambio ou outras fórmas de ganhar dinheiro; e assim mostra, nas consequencias, a *Justiça*, ou "que o justo não paga pelo peccador." A cauza da crize não está propriamente em os remedios económico-financeiros, por serem mal aplicados, se tornarem venenos; pois, atravéz mesmo da inépcia ou dos que intencionam o mal, a Providencia faz aparecer o Bem, quando o povo a este merece! A principal cauza da crize está no máu uzo que a maioria tem feito da sua liberdado, d'ahi rezultando um atrazo moral que, á maneira de "ôdre velho arrebentando-se com o vinho novo", faz a desorientação ante o dia de *Juizo* que se aproxima. Como os que não contribuiram para este estado de coizas se acham em minoria, a *chuva* cáe tambem sobre eles; mas têm a vantagem de estarem munidos de *guarda chuva*; ou por outra, do *mal que não fizeram*, têm compensações ao estarem gozando de bens materiaes, intelectuaes ou moraes, que por sua vez não mereceram. Se se olhasse para a própria vida, notar-se-ia uma enormidade de compensações do mal que se supõe ter recebido injustamente. Mesmo para o que se *pérde* em baixa cambial, ha compensações; pois o dinheiro *a mais*, recebido então pelos exportadores, faz haver no interior mais recursos para comprar o que se importou, advindo assim um lucro *a maior* que compensa o *perdido* no cambio. "Quem bôa cama faz, nela se deita!" "Quem semeia ventos colhe

tempestades!» Analyzando a trajectória de actos taes como o *livre cambio*, o proteccionismo, a estabilização cambial por diversos systemas, os monopólios, as fórmas de imposto, a influencia dos poderes executivo e judiciario, — o Occultismo revela o *Futuro!* Deste modo, o pesquizador vê que a Divindade acertou tudo com *um só Olho*, uma só medida mathématica, traduzivel por numero, forma, pêzo valor, a *quadratura do circulo!*

O Occultismo, a *Sciencia dos Equilibrios*, cujo symbolo — a vára — *Direito* do deus Mercurius — tanto para finanças como para medicina, — tem no ápice a bola *Ouro*, o elemento da *vida universal*, — não vem tomar o tempo das coizas mais necessarias, por isso que ele próprio, como *syntheze do critério* orientador e acertador de tudo, é o *alpha* e o *omega*, é simultaneamente o *principio e o fim*, e portanto a coiza mais necessaria para não se estar perdendo o tempo!

Se não se pensasse tanto nas outras coizas, elas não escravizariam tanto, e haveria maior rendimento no MORAL, o *locum tuum* a que todos terão de reverter, o principal elemento da lucidez que permite ganhar muito em dinheiro material. Chamando, conseguintemente, a atenção para a melhor fórma de dar virtude creadora á *psyché*, ao pensamento factor da vida universal, o Occultismo tem maior mérito que aquele que foi o primeiro a induzir o aproveitamento das *quédas d'agua*, a força até então esperdiçada! O mais sábio è quem «sabe ser util inda brincando», é quem pesquiza, para tirar proveito de tudo que parece inutil; é quem, melhor que das féras ensinadas, podendo tirar partido das tendencias geraes para o bem-estar e do dezejo de accôrdo que dê a força própria ao maior numero, não deixa de procurar os meios suaves, geitozos, de insinuar-se na bôa vontade dos sêres humanos; de maneira que, em vez de matal-os, utiliza-os como freguezes que lhe darão valor, por cauza da sua numerozidade pagante, convertidos como se acham em fabricas de dinheiro. Por sua vez, é tambem sábio aquele que, para evitar questão, se deixa extorquir; pois, para se gozar a vida longa, não se podendo consumir tudo o que se tem a possibilidade de produzir ou extorquir, o excesso terá de servir directa ou indirectamente como capital a quem perdeu ou foi extorquido.

Não dezejar o Occultismo, porque não se quer ter o trabalho de ler, é uma tolice! Não se póde saber como agir, simplesmente metendo-se no bolso ou por baixo do travesseiro uma *pedra iman* que á força de *fé céga*, se queira acreditar como talisman! A sciencia póde vir assim, ou mesmo sem isso, naquele que estiver evoluindo moralmente; porém, a maioria dos que não querem lêr o sendo por vadiação, aquele que não estuda não progride; pois o ociozo — rico ou pobre — como «scelerado que é em disponibilidade», no dizer dos filozofos, não tem o moral suficientemente evoluido. Torna-se necessario ouvir, não a um qualquer que se inculque fakir ou professor; mas a quem se revele occultista, mesmo não se dizendo tal, pelos seus feitos creadores ou arrazoados, o Occultismo estando assim em toda parte onde houver o melhor em *Verdade*, em *Bem* e em *Bélo*.

Como, em essencia «nada existe de novo sobre a Terra», as creações occultistas consistem em adaptações conforme os principios bázicos invariaveis da Sciencia, tal como a faz o bom médico, o bom engenheiro ou o bom jurista; pois, do contrario, haveria plágio, nsciencia; o que não se coadúna com o verdadeiro occultista, visto sua sciencia, como creadora da vida, exigir inteligencia, revelando-se pelo estudo conscienciozo de cada cazo, afim de adaptar o *filtro* á móda da evolução.

Dizer que não se tempo, é tambem tolice! O simples dezejo verdadeiro de comprehender o Occultismo, faz sua *porta* abrir-se em sciencia; torna-o inteligivel, dá ao *eu* uma tal influencia que aquilo que se julgava mais necessario, poderá depois ser feito como que *com uma perna ás costas!* O Occultismo, visto ser uma espécie de máchina facilitante do rendimento, deverá tomar imediatamente o logar de todas as outras coizas! Não é uma *coiza com cheiro de igreja*, impingindo como pecado o uzo de orgãos que por existirem, comprehende-se deverem servir para uzo moderado! E' o *Sol da Meia Noite*; pois sua luz, presentivel atravéz da escuridão dos vicios mundanos, faz o grande *Dia* unico da vida eterna! Está no *Templo da Fortuna*, porque o *templo* consiste na *união*, á qual como "*porta estreita*" evangelhica, as necessidades obrigam; todos, pelo "Conhece a ti mesmo"! e á maneira das plantas que se abrem para o Sol, convertendo-se em adoradores da *Psiché Afortunante*, como possibilidades que, pelo seu estado latente, eram o *nada* davam até então a apparencia de *pobreza!*

Em summa, quereis ter facilidade nos meios de ganhar dinheiro, prosperar, ser pouco vulneravel a enfermidades e desgostos, ter no vosso *eu* uma especie de elixir da vida ou juventude, a *pedra filozofal* creadora do dinheiro, a aura mognética que vos atrairá a sympathia, o amor ou a boa vontade? Comprae e lêde o LIVRO DAS INFLUENCIAS MARAVILHOZAS, obra em portuguez, com cerca de 400 paginas de papel superior em grande formato e com muitas figuras para auxiliarem a comprehensão. Este livro e o ACCUMULADOR ODICO MENTAL, apparelho que irá junto, afim de infundir na vossa atmosféra moral uma influencia análoga á do fermento na mássa do pão, permitirá alcançardes breve tudo que dezejaes.

A importancia do *livro* e do *Accumulador*, para a Capital Federal, ou correndo por nossa conta as despezas de remessa como encomenda postal para qualquer parte do Brazil, é QUARENTA E TRES MIL RÉIS. Esta quantia deverá vir *em vále do correio*, ou sob a fórma do registro chamado VALOR DECLARADO (*não confundir com registro simples, o qual não garante dinheiro*) tudo endereçado a **Lawrence & Co.**, RUA DA ASSEMBLÉA 45, CAPITAL FEDERAL.

Não deveis deter-vos por cauza do custo; pois os nossos livros estando onerados por annuncios não decessarios na venda de livros escolares, estes é que relativamente custam carissimos. A nossa maior barateza em coizas de Occultismo tambem não significa que elas deixem de dar maior proveito que tudo quanto neste género se encontre mais caro. Somos razoaveis em preços, mas tambem não podemos dar *de graça*, visto que o *custo* é, como sacrificio, um meio de fazer desprender do *eu* da pessoa dezejoza de tirar proveito, os fluidos que, como *braço invizivel*, fazem a fé ter poder creador. Se não demorardes, vos remeteremos com o livro um *Bonus* para facilitar-vos um premio de DUZENTOS MIL RÉIS na Loteria da Capital Federal.

Ao efectuardes o pedido, devereis dizer o nome do livro e o numero do Accumulador anterior, cazo já tenhaes feito compras semelhantes.

Rachel de Almeida Reis

Completou o curso da Escola Normal a talentosa academica Rachel de Almeida Reis, filha do fallecido engenheiro Dr. João Guilherme de Almeida Reis.

Espirito culto, estudiosa, a senhorita Rachel revelou o muito aproveitamento, obtendo distincção na maioria das cadeiras que cursou n'aquelle estabelecimento de ensino.

O magisterio conta em seu seio mais uma abnegada professora, que naturalmente tudo fará para mais alevantar a nossa instrucção no Districto Federal.

A' MARGARIDA

Dizes: «pobre coração que não soube ser governado».

Sim, disseste a verdade, porem, não soube governar o meu, como tu não soubeste governar o teu. Porque amas e soffres tambem? por que? Julgas acaso que se pode governar o coração? não, mil vezes não, é impossivel! Todas nós podemos perfeitamente dizer que o coração pode ser governado e isso reaffirmar com a maior segurança, entretanto, é falso — é mentira de quem assim pensar. E, quem o affirmar com sinceridade — illude-se puramente. Governar o coração quando se ama verdadeiramente?!...

Impossivel, impossivel! Podemos, sim, affastar de nós um amor que nos faça soffrer, ou que por uma força maior se faça necessario, apparentemente, olvidal-o, mas, obrigar o coração a esquecer esse amor? não! pois, um coração que ama verdadeiramente, poderá não ver o ente amado, mas, esquecel-o? nunca!... Deixemos, porém, á margem essa questão do coração e retornemos á tua delicada resposta.

Dar-te-ei a mão como pedes e fitar-me-ás o semblante. Terei os olhos febris, mas, nelles não divizarás o mal de amor que me atormenta o coração e despedaça a alma. Não! Quantas vezes bondosa Margarida, os meus olhos estão serenos; calmos como as manhãs de primavera e o coração se encontra revolto como o mar encapellado das noites procellosas. Infeliz de quem ama assim, infeliz! mas, nas horas febris de um amor que me tortura, eu tenho o coração repleto d'aquella «imagem loura» que me arrebata o pensamento nas azas de um pequeno anjo, transportando-me ás doces regiões do sonho, onde diviso uma imagem pura como a tua, que estendendo-me as suas mãos carinhosas espera-me n'um terno e prolongado amplexo.

MLLE. MARIA LEONOR

"Podemos porventura governar nosso coração?"

A' gentilissima Francesca Bertine

Tomo a liberdade de responder-vos á resposta acima citada, apezar de meu modo de pensar ser muito diverso do vosso.

Achaes que o coração pode ser governado?—nunca—desculpae-me contradizer-vos, mas não posso comprehender como é que se pode subjugar este orgão.

Ao coração não se pode obrigar a amar ou odiar, elle bate, soffre e recebe qualquer affecto sem a ninguem pedir ordens.

Quantas vezes sentimos o coração bater, sem saber por quem, e só o sabemos depois de minucioso exame.

E' verdade que dizem que o coração é escravo da pessoa, mas eu julgo que a pessoa é quem é escrava do coração. Se não fosse por elle não havia tantas alegrias, tantos soffrimentos, emfim tantas loucuras.

Não, até eu dar o ultimo suspiro ninguem me convencerá de que o coração é um escravo, mas sim senhor absoluto.

Mas para vós comprehenderdes melhor porque eu assim penso, formularei uma hypothese. Vamos que vós amaes um joven. E quando o vosso coração está repleto do veneno—amor—o tal rapaz começa a se mostrar frio pouco a... pouco... atè esquecer-vos por completo.

Notando isto, e tendo o orgulho que nós moças possuimos, ficaes indignada e dizeis despeitada: Não o amarei mais! não mais o quero ver! elle é um ingrato, um falso!

Externamente acredito que fazeis isto e todas as vossas compenheiras vos acreditarão e dirão: ella o odeia agora.

Mas se vos refugiardes a um logar solitario e auscutardes o vosso coração, sentireis vibrar compassadamente em notas plangentes, que vos chegará aos ouvidos em rithmos suaves a palavra «amo-o ainda».

Foi ou não, o coração quem venceu?

Não só eu penso deste modo, mas tambem a sciencia nos diz, que: o coração é o unico musculo composto de fibras estriadas e que não depende de nossa vontade!

Creio que ao lerdes a minha pequena resposta concordareis commigo.

PHILOMENA GUEDES

"Jornal das Moças"

Pedimos mais uma vez ás nossas gentis collaboradoras evitarem a producção de trabalhos extensos, pois, a falta de espaço nos impossibilita da publicação dos mesmos.

Como temos o maximo empenho em agasalhar as producções em geral de todas as nossas gentis collaboradoras, resolvemos solicitar esse obsequio.

EPITAPHIOS

VII

O. P.

✝ Este bello rapagão,
Que formou entre os bons poetas,
Não quiz morrer de *paixão*,
—Morreu crivado de "SETAS".

VIII

H. F.

Depois dos "Juizos Ephemeros"
De successo colossal,
O Genio espera, aqui dentro,
Pelo "Juizo final"...

PINTO CALÇUDO.

Amôr ingrato

Harriette tinha quinze annos. Tinha os olhos azues, as faces rosadas e cabecinha loura. Era um verdadeiro encanto. Sempre rindo, era a alegria de suas companheiras. Decorrido, porém, algum tempo, debruçada na janella de sua casa, contemplava a natureza, quando viu passar um formoso mancebo, delle desde logo se enamorando.

Paulo, como era o nome do rapaz, fingiu-se apaixonado por ella, jurando até jamais esquecel-a.

Acreditando naquelle falso amôr, a joven deixou-se apaixonar por Paulo e, em pouco, deixou de ser a criatura alegre de outr'ora, para, como que dominada pela tristeza, viver isolada e sempre pensativa. E elle, o ingrato que, em pouco tempo fartou-se de enganal-a, partiu um dia, deixando-a na maior tristeza.

E logo após a partida de Paulo, soube Harriette que elle se havia casado.

O coração da joven era como uma flôr delicada, amparada por verdes folhas, não podendo por isso, supportar tão cruel desprezo. E sentindo-se essa flôr abandonada, suas folhas cahiram, deixando-a sem arrimo, regada apenas por sentidas lagrimas que jamais se enxugariam.

E este profundo desgosto acabou por levar ao tumulo a infeliz Harriette. Hoje, sobre a campa onde dorme o eterno somno, a infeliz, os paes depositam flôres, em constantes visitas que fazem ao cemiterio, emquanto Paulo, immensamente feliz, d'ella, talvez, nem mais se lembrará...

ALICE MARIA PEREIRA

Rio, 15—12—1916.

Se eu pudesse...

Si eu pudesse... quantas aspirações encerra, quantos desejos e ideaes reconditos no amago dos corações delicados, nobres, accessiveis que se deixam vergar ao leve sopro da brisa que passa qual tenue aste de perfumosa violeta.

Na immensa aboboda do universo, constellado das mais fulgurantes estrellas, crava o olhar prescrutador o joven e mais tarde sabio, e nesta contemplação se detem por longo tempo, em noites consecutivas, por toda a vida emfim, e quando á borda do sepulchro vê que ella vae se extinguir, elle ainda de olhos fitos no firmamento estrellado exclama: Se eu pudesse...

Nas mortas horas da noite quando em terra todos repousam das fadigas e tormentos do trabalhoso dia, singrando as aguas de saphyra, vê-se uma embarcação que se dirige para o polo Norte, conduzindo pescadores que vão áquellas plagas em demanda do pão quotidiano. Levando nos corações a melancolia e saudades acarretadas pela triste e cruel despedida dos amigos e parentes, quando o frio vento sopra enregelando-lhe os membros hirtos, ou a tempestade açoita a alva embarcação abandonando-a ao vendaval das ondas e expondo-os á luta com o tenebroso mar, elles não podem suster o grito que lhes sahe espontaneamente: Se eu pudesse...

Ruge o vento açoitando as ondas do vasto oceano que se vão quebrar de encontro a pedra da montanha proxima, na encosta da qual fica um casebre coberto de sapé, habitado por um velho que quando joven ainda, vendo-se só, tando perdido paes e irmãos, isolado no mundo, procurou abrigo n'aquella deserta região onde se entregou ao serviço do Senhor. Como fazia outr'ora João Baptista no deserto, alimentava-se este ancião de gafanhotos e mel de pau, mas o serviço do Senhor é doce e suave e elle estava plenamente satisfeito, pois conformando-se em tudo com a vontade de Deus e unico amigo, jamais seus labios se entreabriram para pronunciar estas palavras de vago sentido que encerram tanta poesia e não raras vezes pungente saudade:

Se eu pudesse...

ANNITA GAMA FERNANDES

(Maurice Magre)

Tive um dia um Amor dos olhos côr de sonho...
Seu gesto, si fiava, era tão doce e brando...
E eu lhe estendia o fio azul, nos joelhos, quando
A sombra, á tarde, é como um phantasma tristonho...

Nossos sonhos de Amor vinham com a luz do dia...
Ella habitava a casa onde morre a alamêda...
E quando, á tarde, o sino alçava a voz de sêda,
A minha Alma á sua Alma angelica se unia...

Seus olhos eram côr dos sonhos e do Outomno...
E uma tarde, na estrada, onde os passos fugazes
Confundimos — eu vi, num gesto de abandono,
Branca, a Vida passar vestida de lilazes...

E porque ambos assim fossemos, tarde em fóra,
Buscando a casa exul, no crepusculo, adeante,
Deixei meu coração voluvel se ir embora
Pelo valle, nas mãos da pallida Viajante.

E o meu Amor me disse: «Ah! que o dia de-
[clina...
«Sobre o meu coração desce a noite em pezares...
«Não vás seguir, Amor, a estrada da collina,
«Que leva ao lago azul florido em nenuphares...

«A voz dos canniçaes recorda a voz d'Aquella
«Que te illudiu, a rir, com o gesto de esperança...
«Fica!... — noivo da tua eterna Amante bella, —
«Feliz, com meu Amor de Affagos e Bonança...

«A hora é de Piedade... E estas arvores núas
«São sacerdotes bons de um sonho immorredouro...
«Fica; e esta noite, os dois — as minhas mãos nas
[tuas —
«Leremos o Passado em velho Missal de ouro...»

BASTOS PORTELLA.

Rio.

Ao ingrato Albertino Macedo (Bétinho)

Sobre as esmeraldinas aguas do mar guiada pela resplandescente luz do luar, navego em um mensageiro barco da Esperança, procurando sobre o azul do firmamente a estrella preferida, mas em vão... porque esta estrella esquecendo as palavras que me disse, illumina talvez com mais firmeza outro coração menos sincero. Mas que importa, amo-te ainda e amar-te-ei eternamente. Guardarei no recondito do coração a tua ingratidão, como guardei julgando-as sinceras as phrases que entre os teus sorrisos fingidos proferiste. Emquanto feliz tu vives ao lado de outra, eu recordando com tristeza o nosso feliz passado, navego no barco das minhas esperanças, espargindo sobre o mar as verdadeiras lagrimas da saudade...

Outubro de 1916

ABANDONADA

Casa Reclame

Recebemos uma linda, artistica e proveitosa folhinha commercial, dessa casa, que em genero de artigos de reclame bate o *record*. E' uma offerta util e de grande valor. Agradecidos.

Relembrando

(*Ao Joven José*)
(PHARMACIA PAULISTA)

Bello e agradavel é o immenso prazer que sentimos quando nos recordamos de alguem ou de alguma cousa. Jamais esquecerei o bello mez de Agosto! Nesse bemdito mez a minh'alma saudosa relembra o dia 15. Data da virgem da Gloria, cheia de risos e amores! Recordo-me da noite desse bello e glorioso dia que para mim é toda evocativa pois o perfil de um ente que amei não me desapparece da memoria. E, no entanto, te esqueceste de quem nunca te esqueceu.

ALICE.

N'um postal

A' MULHER

Fugi do homem que não eleva o olhar para o céu; que o não demora a contemplar uma nesga de bosque; que não comprehende esses dolorosos nocturnos, que os rios ensinaram a Chopin; que se não queda a fitar o sol, quando, entre faixas de carmin e ouro, tomba no ocaso, ensanguentando-o magestosamente; ou não sente um estremecimento da alma dos effluvios do luar. Evitae-o, porque esse homem, que não sabe comprehender, que não sabe admirar os encantos da natureza, não vos poderá comprehender, não vos poderá admirar, a vós, que sois a quinta-essencia, que sois o resumo de todas as suas subtilezas, de todos os seus encantos.

MARIO DA VEIGA CABRAL

Ao Carlos Santos

(Em resposta ao vosso postal)

Sob o tecto da mais prolongada consideração, li o vosso postalsinho, o qual me extasiou o coração de illimitado jubilo. Assim, como o peito jovial acaricia corações indiscretos, (conforme dizeis) assim tambem, elles, procuram muitas vezes affastar todo o gráo da sua obscuridade, para trazer ao espirito mais sabio, um rasgo de felicidade nos momentos de martyrios, por meio de conselhos fieis e aproveitaveis.

OLIVIA RODRIGUES CHAVES

A' gentil Suzana D. O. Santos

Feliz d'aquella que ama e é correspondida pelo ente ao qual dedica o mais puro amôr, assim tambem eu quizera ser correspondida pela pessoa a quem amo verdadeiramente, infelizmente porém isto não se dá, porque o joven a quem idolatro, o meigo e gentil A., é o eleito do seu coração.

E eu não te conheço pessoalmente, estimo-te muito e muito, só porque adoras a aquelle que tambem eu adoro.

UMA TUA RIVAL

A' "Filhinha do Papae"

Filhinha, toma cuidado,
Não bulas com o homem não,
Pois em momento opportuno,
Pode pegar-te o «*papão*».

FILHÃO.

Flôr occulta...

Juracy.

Quando a vejo assim, habitualmente garrida, faceirice natural, com duas flôres vermelhas nos cabellos muito negros, tendo nas orelhas argollas de ouro e nos braços fios de coral, ella faz-me lembrar aquelles quadros caracteristicos onde o vulto da cigana se destaca airoso, dansando e revolteando, de saiote curto, e pandeiro á mão...

Tem o typo da cigana, mas da cigana graciosa e viva, cujo riso faz brilhar os olhos negros e os dentes alvos...

Vive em casa, flôr occulta...

Foi educada á sombra de rigorosa educação moral...

Presa ao trabalho do ensino, activa, intelligente e viva, quasi sempre alegre e diligente, é o temperamento que fará a esposa e a boa dona de casa...

Canta modinhas ao violão... habaneras e romanzas ao piano...

Não pensa no amor, zomba delle e acredita que não existe...

Não se lhe conhece um só namorado, e faz uma saliente excepção ás muitas outras neste ponto.

Feliz aquelle que a encontrar, flôr occulta, e a levar para ornamento de toda sua vida!

MARGARIDA.

SEM ESPERANÇAS

A minha prima Alice Maria Pereira

Aquella a quem eu amo, e que eu desejo
Tel-a por minha a minha vida inteira,
Não será nunca a doce companheira
Dos longos dias tristes que antevejo.

Nunca hei de tel-a. Nunca. E eu que antevejo
Os olhos que, atraz d'ella, vão na esteira,
Não posso vel-a, — cego da cegueira
Triste d'auzencia! Meu amor, não vejo!

Ergui as mãos, em prece, ao Meu Futuro...
Ceguinho, a tactear, no denso escuro,
Nem ao de leve encontro uma illusão...

Não, que as perdi! Morreram no meu sonho,
— Descança, meu amor, pobre e tristonho!
— Descança, tu tambem, meu coração!

Madeira—Portugal, 17—11—916.

HENRIQUE PEREIRA.

Para "O Triste"

Se é á mim que te diriges...

Se és aquelle que eu quizera que fosse, recebe a profusão de saudades que se amontoam em meu coração nos mezes que passam...

Flores macias que eu beijo demoradamente antes de t'as enviar... Toma-as!

MARGARIDA.

FRAGMENTOS

Resposta á carta aberta do sr. J. Carpinetti

Como os sons magicos de um violino de crystal e ouro, vindos de longe, muito longe, trazidos pela aragem silenciosa, as vossas doces palavras com identica sonoridade parecem ecoar no mais recondito de meu ser, fazendo ahi desabrochar a flor azul de um sentimento puro—a sympathia. A immensa bondade com que considerаes os miseros «Fragmentos», esses pedacinhos de minha alma sonhadora, commove-me, e o coração docemente captivo, dicta-me os mais ternos agradecimentos a quem se deixou enlevar por phrases melancolicas que elle, somente elle, póde nitidamente traduzir...

Feliz me considero por vos proporcionar tamanha alegria com os meus pobres escriptos phantasistas... E se na «pagina muda» descobristes algum mysterio filigranado de sonhos aureos, calae-vos, por Deus! e ella continuará a falar á vossa alma cheia de melancolia, espesinhada talvez pela saudade ignota de alguma sombra azul, um reflexo d'ouro que um dia illuminou, talvez intensamente a vossa existencia, e rapido se extinguiu como se extingue tudo o que é bom neste mundo mesquinho!

. . . .

A saudade!...

E' ella talvez, a triste companheira das almas dilaceradas, que vos inunda os olhos sonhadores, de gottinhas rutilantes, essas estrellas que scintillam no rubro céo de um coração... sim, pois é uma saudade indefinivel que canta, soluça e chora nos meus «Fragmentos», que move a minha penna vacillante e obscura, para imprimir caracteristicamente os seus melancolicos psalmos, onde se dilue em lagrimas de crystal violeta a nostalgia dorida que nos infunde o «remember» do passado...

...A lagrima è um consolo á quem vive de saudades!...

. . . .

«Uma sympathia sempre faz bem a alma».

E se é exacto que os meus pobres escriptos servem de balsamo refrigerante ás chagas do vosso lacrimoso coração, bem recompensada estou com a sympathia que me dispensaes, e que ressumbra das vossas meigas phrases, qual suave perfume de uma flor ideal guardada n'um relicario de saudades, e que, á mais leve contracção, desprende o aroma embriagador das passadas reminiscencias, que nos unge a alma...

E, emquanto o digno e querido «Jornal das Moças» me franquear as suas columnas, os «Fragmentos» irão até vós, e ouvireis as meigas falas de uma alma sincera, fervorosa cultora do nobre sentimento—Amizade. Adeus.

ALICE DE ALMEIDA

14—12—1916.

Voltando...

A' Zezé

Fazem agora dois annos, que por circumstancias imperiosas, ausentei-me de ti.

Os primeiros tempos de nossa separação, foram horriveis, mas, tinha as tuas cartas para amenizal-os. Mezes depois, naturalmente, devido aos *teus afazeres*, privaste-me d'este prazer. Cessaste tua correspondencia. Procurei esquecer-te, e depois de algum tempo, consegui banir de meu pensamento a tua figura.

Continuei, entretanto, de posse do teu retrato. A propria Natureza, porem, conhecendo que eu guardava a imagem de uma ingrata, tirou-m'o do meu poder.

Foi n'uma tarde de Abril. Fazia eu a travessia da bahia, e da tolda da barca, admirava o bello panorama da despedida do sol. Pois bem, a essa hora tão nostalgica, senti saudades de ti, e tirei o teu retrato da carteira. Uma forte rajada de vento, arrancou-m'o das mãos e o atirou ao mar.

. . . .

Approxima-se a minha partida para junto de ti, onde vou descançar desta vida de cidade. Já vejo reaccender essa maldita paixão que soubeste impor-me. Vejo, como o passarinho, que vae attrahido, á bocca da serpente, que irei novamente cahir no mesmo estado de sujeição de outr'ora. Peço-te, pois, que me repillas, para evitar que, para o futuro, eu continue a ser victima da tua volubilidade.

DECIO.

Niteroi, Dezembro de 1916

Ancia

Para Ormezinda S. de Mello

Pudessem as minhas mãos, quando as tuas mãosinhas de néve e róza apertam, transmittir-te, á maneira d'um flúido electrico, o meu idéal; pudesse o meu olhar triste e lacrimozo, dizer, quando nessas phalenas de sêda vai pouzar, a ancia muda d'este pobre coração, decerto, se adelgaçaria a cortina espêssa que o meu caminho priva de luz e de alegria. E, então, este meu ar taciturno e philozophante se converteria em alegria e resplendor...

O' vizão sublime de Raphael, como seriamos felizes atravessando juntas essa «quejanda» — a vida, tú, illuminando com o fulgôr auroreál do teu perfil de santa, a vastidão da estráda; e eu, de joêlhos atirando ás tuas nobres plantinhas a feição d'um tribúto sagrádo: «Flôres e Balládas».

PEREIRA JUNIOR.

S. Diogo—Rio

Quem deve morrer primeiro — a mulher ou o marido?

Por que?

MLLE. MARIA LEONOR.

Das alumnas da Escola Normal da Capital Federal:

A mais intelligente é Cacilda Dias da Cruz.
A mais estudiosa é Nair Pires Ferreira.
A mais bonita é Yára Timotheo Peixoto.
A mais sympathica é Maria Coelho Pereira.
A mais mimosa é Suzanna Dantas de Oliveira Santos.
A mais elegante é Alayde Padilha.
A mais graciosa é Dinorah Cabral.
A mais prosa é Maria da Gloria Martins Torres.
A mais acanhada é Evangelina Mello Mattos Costa.
A mais calma é Ernestina Chaves Penna.
A mais levada é Stella de Castilho.
A mais feia é M. da G. F.
A mais gentil é Marina Monteiro de Souza.
A mais desembaraçada é Zuleika Magalhães.
A mais bondosa é Emma Lavoie.
A mais admirada é Yedda Chiabotto.
A mais generosa é Mathilde Verissimo.
A mais orgulhosa é Antonietta de Vasconcellos Aboim.
O. M. gosta immenso do carmin.
A mais estimada é Maria Heloisa Pinto de Azevedo.
A mais applicada é Iracema Freire.
A mais meiga é Aurora Hescher.
N. C. F. é a mais antipathica.
A mais espirituosa é Lygia Dantas de Oliveira Santos.
A mais retrahida é Zuleika Nunes Godinho.
A mais vadia é Zolina Guerra.
A mais franca é Nila Castex.
A mais leal é Marina da Silva Moraes.
A mais alegre é Déa Simões Mendes.
A mais activa é Jacyra Barreto.
A mais fiel é Cecilia Meirelles.
A mais expansiva é Anna Motta.
E eu, a mais

TRAVÊSSA.

Illmo. Sr. Redactor do *Jornal das Moças*: — Solicito-vos a fineza de publicar a seguinte lista, das senhorinhas do Riachuelo:

A mais meiga é Judiih de Castro;
a mais docil é Dulce A. da Luz;
a mais gentil é Léa Collin;
a mais alegre é Mathilde A. Savaget;
a mais retrahida é Eunice S. Pires;
a mais carinhosa é Hilda M. Castro;
a mais illustrada é Suzana O. Santos;
a mais divertida é Carmen Moura;
a mais sincera é Deolinda T. da Silva;
a mais influida é Carlinda Lima;
a mais espirituosa é Lygia O. Santos;
a mais vistosa é Idalina Maia Castro;
a mais intellectual é Sylvia Palha,
a mais melancolica é Ilara Garcia;
e a mais antipathica é a sua constante leitora

ELZA.

BILHETES POSTAES

ACROSTICO

G erminou em minh'alma um amor santo
E novo ideal lhe deu, nova esperança...
O nde havia tristeza, por encanto
R aiou em aurora, esplendida bonança...
G enios que governaes o universo,
I mmenso e debil de seu coração,
N ão permitti que se mantenha immerso
A o fluido ideal desta ideal paixão!

P õe-me este amor immenso, forte, rude,
I mmerso em scismas de acanhado enleio...
N unca porém imaginal-o pude:
H ymno de dor e soffrimento cheio...
E tu mulher, de quem desprezar
I nda mais funda torna-se a descrença,
R ecompensa-me emfim — dá-me um olhar
O nde não veja a luz da indifferença!

Ipanema, 23 — 11 — 916.

NELSON MORADO

—:—

Ao joven Fernandes Castilhos

São saudades as lagrimas que choro; são reliquias do tempo que passou; são particulas do amor que se destila .. pela bocca, dos olhos, que pragueija!...

GENNY CAMARA

—:—

A quem couber

Emquanto a multidão, coberta de preto, corria por uma estrada illuminada pelo sol para visitar os mortos, eu procurava o silencio da noite e ia n'um cypreste derramar as verdadeiras lagrimas, por sentir a falta de um anjo protector.

MARIA DA GLORIA DE SIQUEIRA

—:—

Ao F. Ricardo

Vaes ficar admirado de que haja uma pessoa que se atreva a dedicar taes pensamentos a um coração tão bomzinho como o teu... Mas que queres? Ha dias em que estou insupportavel, e que julgo que nos corações masculinos, (com raras excepções) só póde existir a hypocrisia; e então não gosto de ver elogial-os.

Rio, Novembro—1916.

MISS DISBELIEVER

—:—

Ao F. Ricardo

Por um soneto que li no *Jornal das Moças*, vejo que procuras um coração que te saiba comprehender, e de perfeições eguaes ao teu, como dizes... Não sabes, caro amigo, que neste mundo tudo é desegual?...

Emfim caminha errante pelo mundo afóra, e talvez encontres o teu ideal nas Furnas da Tijuca.

Rio, Novembro—1916.

MISS DISBELIEVER

A' ti, Arnaldo

Ao cahir da noite

Melancolica e lúrida a noite começa a envolver a natureza. No firmamento a lua, a meiga inspiradora dos poetas, fluctua bella e encantadora, enviando seus raios, que vêm pratear levemente a copa das arvores. Os zephyros nocturnos perpassam ligeiros, encrespando as aguas d'um regato que corre placidamente. Pelo espaço paira uma mystica e vaga tristeza envolta no perfume inebriante das magnolias e dos lyrios, das rosas e dos heliotropos...

N'essa hora silente e mysteriosa, eu absorta em profundo scismar, penso no meu porvir. Então a meiga Esperança, embalando suavemente meu coração, faz que meus labios se descerrem n'um sorriso de felicidade...

Rio, Outubro—1916.

ISAURA P.

—:—

Ao Manocos

Recordando a noite de 28 — 10 — 916.— Olhos escuros... olhos divinos. Pupillas que quando fitam revelam poemas de amôr. Sois a minha esperança! Sois o meu sonho! Olhos magicos e formosos... Fócos de luz que illuminais a minha existencia... Não sabeis o amôr que me inspirastes. Quando por um momento os meus tristes olhos azulados divisam o vosso olhar seductor, sinto que a vida me foge!... desejaria morrer... mas morrer sob o magico explendor do vosso olhar de fogo!

S. Christovão, 28—11—916.

MISS CYCLONE

—:—

A' minha idolatrada mamã

A natureza é um scenario incomparavel, o mar, esse titanico rei absoluto, é incomparavel no seu poderio e omnipotente belleza, mas muito maior e grandiosamente mais bello é o amor maternal, essa fonte de carinhos d'onde dimana os suaves effluvios de um affecto inegualavel.

17 de Novembro 1916.

ROSA RUBRA

—:—

Para a ingrata Maria da Conceição Lage (Marócas).

Nunca pensei que n'um coração tão bom como o que possues, pudesse germinar a feia flor, que se chama "Ingratidão".

MARIA DA GLORIA RODRIGUES PEREIRA

—:—

A' tarde quando o sol declina, minh'alma chora a tua falta.

Paquetá.

W. L.

A' Djanira Marques Guimarães

Oh! Como considerar-me-ia feliz se no momento tetrico da acerrima agonia recebesse em face a luz flamejante que teu olhar encerra. Luz esta, bemdita como a que partiu do olhar meigo do santo Nazareno que transformou o gelido coração de Magdalena.

NEVES FLORIM

A quem me comprehende

A lagrima è o poema enternecedor de um amor sincero e a epopéa perenne da Saudade e do Arrependimento.

DESPREZADA

—:—

Ao Clovis

Nem sempre o gemido denuncia uma desolação: algumas lagrimas espargindo-se opportunamente são o balsamo salutar para as fistulas do coração.

ELZA

—:—

Oh! amor que passas como um sonho, que se esvae aos primeiros albores da aurora, és quasi como o rio de saudades que, num murmurio de preces, desce, levando á tona rosas e lyrios tremulos de frio.

SANTINHA SÁ PINTO

—:—

A' Nancy V.

Entre sorrisos de tristezas, minha boa Nancy, venho trazer-te — e quero que o acceites — teu coração que não preciso mais! Faze delle um berloque e presenteie a quem quizer.

GENNY CAMARA

—:—

Sorrir quando o coração geme, eis o meu supremo martyrio...

Esperança — batel sem leme, perdido no mar negro do meu triste coração.

Realidade — eis o magico espelho da verdade, que não vacilla nunca!

ELZA G. N.

—:—

A' saudosa Esther d'Annunciação

A saudade é a palavra que pela sua melancolia e suavidade melhor expressa a dôr que sentimos, quando ausentes duma boa amiguinha como tu.

ISAURA R. PEREIRA

—:—

A' minha amiguinha Sarah Lopes

Quando temos a ventura de encontrar uma boa amiguinha, que possua um coração puro e meigo como o teu, devemos retribuir-lhe com uma amizade verdadeiramente sincera, pois que as boas amigas são raras.

ISAURA R. PEREIRA

—:—

A' ingrata J. Souza

Não podendo supportar o teu silencio, envio-te estas linhas, pedindo-te para mandar-me dizer pelo *Jornal das Moças* a tua nova residencia, pois acho-me anciosa para ver-te.

Da amiguinha sincera

NINI

A quem comprehender...

A Sinceridade é uma das flores que cultivo com mais carinho no jardim do meu coração; porém quando tão delicada flor é soprada pela brisa malfadada da Ingratidão, fenece logo; e em seu logar viceja uma outra, o Desprezo, que é a unica recompensa que devemos dar a um coração hypocrita.

IAMAR OLGA ADIR

—:—

A meiga amiga E. O. A.

O amôr é a florzinha mimosa que, sensitiva delicada, estiola o coração em que se abriga, se sobre elle sopra desapiedado vento de desprezo, que mata lentamente, com satanicas torturas. Sua leal amiga

SUZETTE DE CARVALHO

—:—

A' minha estrella

Se podesses conhecer a psychologia de minh'alma, não soffrias as torturas da incredulidade.

—:—

Ingrato sou, porque não se pode desvendar o mysterio d'alma.

—:—

Ao academico Isaltino de Oliveira

Desde o dia em que tive a felicidade de vos conhecer, senti brotar no meu coração uma verdadeira e sincera amizade.

THEDA BARA

—:—

Ao J. Santos

Será possivel Deus meu, que ainda não tenhas comprehendido esse amor que é toda a minha vida, permanecendo frio e indifferente ante minh'alma triste e desilludida? Não vés que o teu silencio cruel e despedaçador é um martyrio para o meu pobre coração? Porque não falas? Prefiro o desengano á duvida que me atormenta a alma; e que com uma só palavra tu venhas desmoronar todo o meu doirado sonho de amor deixando-me immersa na solidão e no abandono. Sendo assim me mostrarei indifferente procurando disfarçar a dor que me espedaça a alma. Soffrerei amargamente, mas nunca poderei te esquecer, pois foste tu o meu unico e primeiro amor!...

S. Christovão, 26—11—916.

LORIGAN DE COTY

—:—

A' uma amiga

A tua ingratidão de amiga veiu ferir-me a alma angustiada e triste.

MARIA FERREIRA

A' meiga Alice
Se algum dia morrerem as minhas illusões, succumbirei tambem, e supplico-te que me sepultes no rubro tumulo do teu coração!
DAMA DAS CAMELIAS

—:—

Ao Humberto
O verdadeiro amor não se extingue jamais: morto pela ingratidão, a saudade resuscita-o!
ATELOSIR NADLOR

—:—

A' distincta professora Geny V. Toledo (Traviata)
No meu coração dilacerado, acha-se cravado o agudo espinho das pungentes saudades que me devoram a alma.
DAMA DAS CAMELIAS

—:—

A' minha mana Izaura
Quando longe de ti, Anjo Bondoso, sinto infinitas saudades dos teus sorrisos infantis.
MARIA FERREIRA

—:—

Ao ingrato J. C. C. F.
Foste para mim sómente um sonho, pois foram illusões todas as loucuras do meu incomprehendido amor...
DESPREZADA

—:—

A Flora Tosca (a triste)
Desde o primeiro dia que te vi, um grande amôr se apoderou do meu coração.
Não ousei confessar-te, porque sei que teu coração já pertence a outro mais feliz do que eu. Continuarei, porém, a amar-te em silencio, esperançoso de ter um dia a recompensa do meu acrisolado amôr. Só te peço que, não me olhes com desdem e que tenhas compaixão do
SCARPIA

—:—

A' amiguinha Carmosina
Quando passamos a viver separada de quem amamos sem ser motivado pela ingratidão, é um soffrimento atroz que augmenta as saudades e nasce a desconfiança.
Bangú.
OLINDA ALVES PIRES

—:—

A' Maria de Lourdes Corrêa Rodrigues
Quando amamos sinceramente, jamais passa pela nossa imaginação que nuvens negras possam obscurecer o nosso céo, toldar a felicidade do futuro sorridente que desenhamos, mas... que cruel engano, mal sabemos nós que encontramos pessoas invejosas que, fingindo nossas amigas, vêm nos contar calumnias ou duras verdades, trazendo aos nossos corações o desassocego e mais tarde a descrença.
UMA SUA RIVAL

—:—

A' Noemia (Santinha)
Quando vaes á escola, pisando os corações que te avistam, toda a minh'alma arde em ciume, porque os olhares são muitas vezes confidentes dum amor infiel e hypocrita.
TEU A.

—:—

A' minha querida Hortencia
Amizade sincera e verdadeira só pode existir num coração leal como o teu.
CHRYSANTHEMO BRANCO

—:—

Ao encantador Waldemar Vianna
Nunca pensei que o meu coração tão joven ainda pudesse sentir as doçuras do amor. Vi-te, porém, ha alguns dias passados, e em divisando o teu mimoso semblante, Cupido lançou-me uma de suas settas, e eu então amo-te com todo o ardor da minha mocidade.
Mais tarde saberás quem sou.

—:—

Ao Mario Ferreira de Souza
O primeiro amor não morre, e esquecel-o é-nos impossivel. Elle é a sombra que nos segue em toda a parte, e gravada para sempre fica em nosso coração a imagem daquelle que o inspirar.
INCONSOLAVEL

—:—

Ao J. L.
Como ès ingrato! Deixaste-me a tactear no escuro e foste amar outra que não te ama sinceramente. Deus é grande! Como ės ingrato!
NOEMIA

O amor, quando não é verdadeiro, precisa ser retocado a cada instante.

DALIN

—:—

Nas varetas de um leque

A amizade é calma, prudente, reflectida. O amor é louco, tem impetuosidades do oceano bravio, coleras de tempestade e nos arroja do desespero mais cruel ao paraizo divino da reciprocidade de affectos...

MARIO DA VEIGA CABRAL

—:—

Em meu coração guardarei eternamente a suave lembrança do bello e mysterioso olhar de um desconhecido.

Itaperuna, E. do Rio.

SAUDADE ROXA

—:—

Dedicado á amiguinha Cacilda Brito (Pequenina)

Para o amor ser verdadeiro é necessario que haja as seguintes provas: amizade, sinceridade e constancia!

CHRYSANTHEMO BRANCO

—:—

Ao Humberto de Souza Martins

Morto o coração, florescem logo, na monotonia da côr symbolica, a saudade roxa, a funestação do goivo expressivo das amarguras duradouras que com sua vegetalisação mortuaria revestem o cadaver, assim amortalhado, aos pés da cruz duma esperança apagada.

—:—

Saudade! Saudade! Como eu te comprehendo nas galés do peito, onde meu coração é o teu prisioneiro e que a consciencia da dôr algema para a concretisação da mesma esperança, de sempre... pois que ella é a falaz indemnisação pela fuga do amor.

DORINHA

—:—

A' Guaraciaba de Oliveira — Juiz de Fora

O teu desprezo é o mar tempestuoso onde meu coração carpindo tristemente se abate contra as rochas, na ferocidade das ondas.

Tua

AILAHTAN AROVAT

—:—

A' amiguinha Nenê

Quando se ama verdadeiramente é necessario haver confiança, sem a qual é impossivel haver felicidade.

CHRYSANTHEMO BRANCO

Ao bondoso Caldeira (Edgard)

A paixão quando se apodera de um coração é como um terrivel corrosivo — deixa fundas cicatrizes, embora queiramos extinguil-as para sempre.

LYRIO DO VALLE

—:—

Ao A.

Amo te muito e esse infinito amor confessot'o hoje.

Guarda em tua memoria estas palavras, assim como gravei a tua imagem no meu tristonho coração.

DULCE

—:—

A' quem comprehender (A. M.)

Toda pessoa que dedicar a alguem uma affeição sincera, deve primeiro sondar o coração cubiçado; pois talvez encontre envolto no véo da hypocrisia um fingido e voluvel como o que possues.

LOURDES COSTA LIMA

—:—

Ao S...

E's tu, meu anjo idolatrado, o ideal de minh'alma, ha muito idealisado!...

NAIR FONSECA

—:—

A' querida Dulce

Sei que amas e não és amada, portanto abro as portas do coração para receber teu amor puro e sincero.

ANTENOR

A' mlle. Alice de Almeida

Amor! Lemma eterno da humanidade; dogma cultuado pelos corações que sangram aljofares diaphanos; sacrario mystico de sentimentos que nos atrophiam a alma e nos propinam o estiómeno extinctor da vida! Quereis, senhorita, ser o Œdipo que virá me aclarar este mysterio?

ARLINDO AMARAL

—:—

Para a boa amiguinha Esther A. Malanza

Quando rompe a alvorada as odoriferas rosas entreabrem suas petalas para que o radiante Apollo aspire seu dulcissimo perfume. O astro rei gratamente agradece enviando-lhes seus raios que vão oscular suavemente as aromaticas florinhas. Assim é meu coração, sempre grato e reconhecido, comprehendendo a grandeza da tua alma e a sinceridade do teu affecto, envia-te estas phases singelas mas repletas de carinho, que te irão provar mais uma vez que não te olvido e que correspondo affectuosamente ao delicado e carinhoso affecto que me dedica teu coração de anjo.

—:—

Para meu querido irmão Domingos A. Pereira Junior (Mingóte)

A esperança é a estrella fagueira e divina que illumina a estrada que trilhamos n'esta vida. Sem esse sublime guia seria impossivel a existencia!

MARIA DA GLORIA R. PEREIRA

—:—

A' um ingrato

Sem crer jamais na vida eis que surge uma estrella no firmamento, traz comsigo uma esperança para dar allivio ás minhas descrenças perdidas.

MARIA DA GLORIA DE SIQUEIRA

—:—

A' quem eu amo

O ciume que se apodera do meu coração é tanto que me faz soffrer pensando que sou despresada pela pessoa amada.

THEDA BARA

—:—

Dedicado a P. Lina

A. O. P. são as iniciaes do ente que amaes e são tambem de quem eu adoro! O teu amado tem lindos olhinhos, o meu tambem assim os tem; seremos por acaso rivaes? Responda para o socego da ciumenta

—:—

Gentil Marietta

A amizade que te consagro é tão sincera, quanto é agradavel pronunciar o nome do ente que mais amamos—nossa mãe.

LAURA

—:—

Ao joven Othoniel

Amar sem esperança é sentir o coração naufragar no iracundo oceano do martyrio, e não poder lançar-lhe um meio de salvação!

OLINDA PIRES

A' Ercila

O brilho da ardente chamma que reflecte o amor, banha e lustra o espirito e dá vida ao coração, encontrei n'um relancear de olhos intimos, no aftago velludoso da luz diamantina dos teus meigos olhos azues, cor do firmamento!

Ha olhos de crepusculos, olhos frios de luz incerta que não escallam nenhum horisonte e que sendo vazios de esperanças, quebram o vôo aos mais bellos anceios da alma, porem, existem olhares de heliotropio cujo perfume encanta e seduz, via-lactea de cousas santas cujos reflexos insondaveis dão poesias ás noites calmas de luar prateado, olhos como os teus, que servem de pharol para toda uma existencia na fulgurosa promessa de uma affeição eterna!...

P. DUTRA

—:—

Ao Antonino L. Porto

Longe de ti não tenho uma só hora de prazer, recordo a todo instante os venturosos dias que a teu lado gozei, enchendo meu coração de recordações saudosas.

Sempre tua

ATINNA C...

—:—

Ao Antonio Magalhães

Assim como um batelzinho sem destino debate-se contra as ondas do immenso oceano, assim tambem n'um mar de soffrimentos, tendo porem um pouquinho de esperança que a tua amizade o conduza ao paiz da felicidade, debate-se o coração da tua

ANGÉLICA

—:—

Ao inesquecivel A. O. Palmeira

A minha vida longe de ti, assemelha-se ao mar encapellado onde o meu amor no batel do pensamento procura atravessal-o, em busca de um porto seguro, o teu coração. Oxalá que elle não naufrague de encontro aos escolhos da tua Ingratidão!

PALMEIRINHA

RESPOSTA

(A' amiguinha Helena Pereira de Vasconcellos.)

Dizes boa amiguinha, que não tens um coração amigo a quem confessar as tuas maguas?

Não tens então o meu?

Quando te vejo triste e pensativa, não sou eu pois que te consolo?

Já vês boa amiguinha que mentes, porque quando soffres, tudo me confessas.

Não é a pura verdade?

Tua amiguinha,

ODETTE P. BASTOS.

7 — 12 — 1916.

SO' E' CALVO QUEM QUER
PERDE OS CABELLOS QUEM QUER
TEM BARBA FALHADA QUEM QUER
TEM CASPA QUEM QUER
PORQUE O PILOGENIO
Faz nascer novos cabellos, evita a queda e estingue a caspa.
BOM E BARATO
Vende-se em todas as pharmacias e perfumarias e no deposito
FRANCISCO GIFFONI & Cia.
RUA 1º DE MARÇO 17 — RIO
Agència Cosmos
As Senhoras gravidas e as que amamentam devem fazer uso do VINHO BIOGENICO que, como diz o seu nome, é um vinho que dá vida. Só assim, ficarão fortes e terão o leite augmentado e melhorado para robustecer tambem os filhos.
O Vinho Biogenico é o melhor dos tonicos conhecidos até o presente, e, portanto, o mais util aos convalescentes a todas as pessoas fracas e ás amas de leite. Vide a bulla.—Encontra-se nas boas Pharmacias e Drogarias e no Deposito Geral
Francisco Giffoni & Comp.
Rua Primeiro de Março N. 17
RIO DE JANEIRO
Agencia Cosmos — Rio
BEXIGA, RINS, PROSTATA E URETHRA
A UROFORMINA cura a insufficiencia renal, as cystites, pyelites, nephrites, pyelo-nephrites, urethrites chronicas, catarrho da bexiga, inflamação da prostata, typho abdominal. Dissolve as arêas e os calculos de acido urico e uratos.
Preventivo da uremia e das infecções intestinaes
Encontra-se em todas as boas pharmacias e drogarias e no deposito
FRANCISCO GIFFONI & C.ia
Rua 1.º de Março, 17 — Rio
Agencia Cosmos

CONTRA
DYSPEPSIAS
E
MÁO HALITO
VIDALON
TONICO DOS NERVOS
EFFICAZ NA ANEMIA
VIDE
BULLA
E' o melhor
TONICO ESTOMACAL
até hoje conhecido